

46.2
ZEL/c.c.
DGRH/AR

Pertence ao Processo nº 01-P-05027/1988, Vida
Funcional do Prof. Dr. Trajano Augusto Ricca
Vieira, do Departamanto de Linguística do Ins
tituto de Estudos da Linguagem.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES REFERENTES AO TRIÊNIO 1997-2000

Trajano Vieira

Dados sobre a atividade docente no triênio 1997-2000

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO

Disciplinas ministradas por docente

PROFESSOR Trajano

24/Ago/00

<u>CÓDIGO</u>	<u>TURMA</u>	<u>DISCIPLINA</u>	<u>MATR.</u>	<u>SEM.</u>	<u>ANO</u>	<u>PART.</u>	<u>CRED.</u>	<u>C.H.</u>
HL544	A	GREGO CLASSICO V	5	1	1997	T	2	30
HL244	A	GREGO CLASSICO II	11	2	1997	T	4	60
HL344	A	GREGO CLÁSSICO III	7	1	1998	T	2	30
HL644	A	GREGO CLÁSSICO VI	5	2	1998	T	2	30
HL444	A	GREGO CLÁSSICO IV	5	2	1998	T	2	30
HL244	A	GREGO CLÁSSICO II	19	2	1998	T	4	60
HL344	A	GREGO CLÁSSICO III	10	1	1999	T	2	30
HL144	A	GREGO CLÁSSICO I	33	1	1999	T	4	60
							22	330

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO
Orientação de Monografias

ORIENTADOR: Trajano

24/Ago/00

<u>SIGLA</u>	<u>DISCIPLINA</u>	<u>RA</u>	<u>ALUNO</u>	<u>NOTA</u>	<u>SEM.</u>	<u>ANO</u>
HL026A	Monografia I	983691	Camila Flávia Cerussi	9	2	1999

Professor Trajano Augusto Ricca Vieira

Semestre	Ano	Sigla	Disciplina	N° Alunos
1°	1997	LL 909	Tópicos de Língua e Cultura Grega	03
2°	1997	LL 406	Leitura Individual Orientada	01
1°	1998	LL 406	Leitura Individual Orientada	02
1°	1998	LL 909	Tópicos de Língua e Cultura Grega	04
2°	1998	LL 406	Leitura Individual Orientada	01
1°	1999	LL 909	Tópicos de Língua e Cultura Grega	04
2°	1999	N/C	N/C	N/C
1°	2000	N/C	N/C	N/C
2°	2000	LL 909	Tópicos de Língua e Cultura Grega	Início 18/09

Orientações em andamento:

Curso	Aluno	RA	Título do Projeto
Mestrado	Daniel Rossi Nunes Lopes	941330	
Mestrado	José Carlos Barracat Júnior	931427	Plotino. A natureza e a contemplação e o uno [Enéada III. 8 (30)].
Mestrado	Josiane Teixeira Martinez	900671	
Mestrado	Érika de Moraes	995130	

Resultado da pesquisa realizada no triênio 1997-2000

ÉDIPO REI DE SÓFOCLES

TRAJANO VIEIRA

ÉDIPO REI – SÓFOCLES

TRAJANO VIEIRA
organização, introdução e tradução

JACÓ GUINSBURG
apresentação

ÍNDICE:

1. Apresentação: *Édipo Rei*: uma peça de teatro (Jacó Guinsburg)
2. Entre a razão e o *daímon*
3. *Édipo rei*
4. Mosaico hermenêutico
5. Cronologia

Entre a razão e o *daímon*

o oráculo
em Delfos
não fala
nem cala
assigna

Heráclito (trad.
Haroldo de Campos)

Aristóteles considerava o *Édipo rei* a maior tragédia do teatro grego, opinião atualmente aceita de um modo geral, apesar de a peça não ter passado de um segundo lugar no concurso em que foi originalmente apresentada em Atenas, derrotada por um drama do hoje obscuro Filocles. O filósofo elogia aspectos estruturais da obra, como a coincidência entre a reviravolta da ação ("peripécia") e o reconhecimento da verdade (*anagnôrisis*), a partir do momento em que o mensageiro coríntio noticia a morte de Políbio (vv. 924). É curioso observar que o autor da *Poética*, defensor da noção de verossimilhança, crítico dos elementos irracionais na poesia (*áloga*), de certo modo pratique, ao tratar do *Édipo*, a coleridgeana "suspensão da descrença" (*suspension of disbelief*). Assim, justifica o fato de Édipo desconhecer as circunstâncias da morte de Laio (vv. 112-13) com o argumento de que se trata de um episódio "fora do enredo". Ora, se fôssemos adotar com rigor os parâmetros da lógica aristotélica, concluiríamos que a "irracionalidade" não se encontra propriamente na situação da morte de Laio, mas na ignorância que Édipo revela sobre o assunto, depois de mais de uma década no comando de Tebas! Felizmente, o que prevaleceu na recepção da peça não foi a avaliação baseada em regras de verossimilhança, que levaram Voltaire a criticar duramente suas *improbabilidades*, antes de escrever seu próprio *Édipo*, no qual procurou *corrigir* incongruências do original, colocando a morte de Laio, por exemplo, a apenas quatro anos de distância no passado...

Sófocles altera bastante as versões anteriores do mito de Édipo. A mudança principal diz respeito ao deslocamento temporal dos dois episódios causadores da ruína do herói: a tragédia inicia depois da ocorrência do parricídio e do incesto. A investigação do assassinato de Laio e, num segundo momento, a indagação sobre a própria identidade, por parte de Édipo, ocupam lugar central na peça. A questão de não ser quem se pensa que é e o poder de forças enigmáticas na constituição do destino substituem o tema da maldição

familiar, presente em obras anteriores. Num verso da *Iliada* (23, 679-80), Homero diz que Édipo morreu em batalha, o que exclui a hipótese do cegamento; na *Odisséia* (11, 271-80), refere-se ao suicídio de Jocasta e ao sofrimento imposto pelas Erínias – divindades vingadoras do mundo dos mortos – à família do herói. Não menciona a mutilação do rei tebano, nem a consulta oracular. Da trilogia de Ésquilo (467 a. C.), composta de *Laio*, *Édipo* e *Sete contra Tebas*, seguida do drama satírico *Esfinge*, só restou na íntegra a terceira tragédia. Fragmentos das duas peças anteriores apresentam, contudo, dados interessantes: Pélops, cujo filho Crisipo é seduzido por Laio, leva a maldição à família de Édipo. O ato de Laio repercutirá não apenas nos crimes praticados por Édipo, como no mútuo assassinato de seus dois filhos, Polinices e Etéocles, conforme lemos em *Sete contra Tebas*. Se o cegamento de Édipo já está presente em Ésquilo, o mesmo não ocorre com a peste, tema introduzido por Sófocles, sob influência talvez da peste que assolou Atenas entre os anos 430-426 a. C., causa da morte de Péricles (429 a. C.) e do agravamento da situação na cidade, já em conflito com Esparta, um ano depois do começo da guerra do Peloponeso (431-404 a. C.).

Outra particularidade da versão sofocliana do mito de Édipo concerne ao oráculo. Em *Sete contra Tebas*, o vaticínio é proferido em tom de advertência – se Laio não tiver o filho, a cidade estará salva (740 s.) –; em Sófocles, como uma previsão inescapável – Laio encontraria a morte nas mãos de Édipo. No primeiro caso, Laio morre por desconsiderar o alerta apolíneo; no segundo, em lugar da punição, a questão central passa a ser a da previsibilidade divina.

Registre-se, quanto ao último ponto, que só na peça de Sófocles menciona-se outro oráculo, mais importante para o desenvolvimento da ação do que o de Laio: trata-se da visita de Édipo ao santuário délfico, quando ainda morador de Corinto. Nessa ocasião, fica sabendo que cometerá parricídio e incesto, informações que o levam a abandonar a cidade onde habitam os pais presumidos (Mérope e Políbio). Em lugar de um único oráculo, Sófocles apresenta três, em momentos diferentes: num passado remoto, o de Laio, citado por Jocasta; num passado mais recente, o que prevê o parricídio e o incesto, na consulta de Édipo a Delfos; no presente da ação dramática, o proferido a Creon, através do qual se esclarece o motivo da peste tebana.

Não se deve concluir, todavia, a partir das referências repetidas à manifestação oracular, que Édipo é tratado como um brinquedo de forças divinas. Um dos aspectos mais formidáveis da tragédia é justamente o caráter paradoxal do personagem. Será difícil encontrar na literatura outro exemplo que concentre, em igual medida, voluntarismo e fragilidade, talento intelectual e ignorância. Nossa admiração só aumenta quando nos damos conta de que a destruição do herói não é causada por traço negativo de caráter ou pelo cometimento de ato impiedoso, mas pela limitação comum ao homem,

decorrente de sua incapacidade de conhecer e dominar as variáveis que configuram o destino. "O futuro é dado ou está ele na verdade em permanente construção? A crença em nossa liberdade é uma ilusão? É uma verdade que nos separa do mundo? É a maneira pela qual nós participamos da verdade do mundo?" Essas questões, que poderiam ter sido formuladas por Édipo no desfecho da peça, são de autoria do prêmio Nobel de química Ilya Prigogine, em seu livro *La Fin des Certitudes*.¹ Cito-as por me parecer que Sófocles construiu, de uma perspectiva mitológica, um universo cujas indagações continuam a interessar o pensamento científico de hoje. Aliás, é o próprio Prigogine que de certo modo chama a atenção para esse fato, ao escrever:

A questão do tempo e do determinismo não está limitada às ciências; encontra-se no coração do pensamento ocidental desde a origem do que denominamos a racionalidade e que situamos na época pré-socrática. Como conceber a criatividade humana ou como pensar a ética em um mundo determinista? Essa questão traduz uma tensão profunda no seio de nossa tradição que reivindica para si de maneira absoluta a promoção de um saber objetivo e a afirmação do ideal humanista de responsabilidade e liberdade.

Apesar de esse trecho sugerir discussões diferentes, dele podemos extrair a seguinte idéia central: a relação entre liberdade, definida pelo ato criativo, e as limitações decorrentes de estruturas pré-fixadas. De certo modo, essas são questões fundamentais do *Édipo rei*.

Embora as abordagens da vastíssima bibliografia sobre o drama caracterizem-se pela variedade de pontos-de-vista e de fundamentos teóricos, é possível destacar duas linhas principais nessa rede de comentários: há os que privilegiam a liberdade de ação de Édipo e os que valorizam a função dos deuses na ação dramática. Como se vê, estamos aparentemente diante de um paradoxo, similar ao apresentado por Prigogine em termos de "liberdade *versus* determinismo". Os críticos que tratam da liberdade de Édipo, notam que não há, na peça, uma epifania divina, como no *Ájax*, em que Atena alucina o herói e direciona seus atos. Os que adotam a outra perspectiva, comentam que a tragédia eclode quando Édipo percebe não ser o responsável por suas próprias ações, reconhecendo a intervenção de uma potência divina em seu destino. De um lado, existe a tendência de valorizar aspectos culturais da Atenas do 5º século de algum modo presentes no drama; de outro, os valores tradicionais que um homem religioso como Sófocles buscava preservar. Desse modo, mais que o elogio do espírito filosófico-científico da Atenas "iluminista",

¹ Ilya Prigogine, *La fin des certitudes*, Paris, 1996, 9 s.

a tragédia expressaria a crise de uma sociedade submetida a mudanças profundas e traumáticas.

O caso de Anaxágoras seria exemplar nesse sentido. Sabe-se que o filósofo, amigo de Sófocles e de Péricles, foi perseguido e processado em Atenas por atribuir ao *Nous* ("Inteligência"), e não aos deuses, o "conhecimento de todas as coisas". Para alguns estudiosos, como Walter Burkert, Sófocles teria sido influenciado por Anaxágoras, ao enfatizar o caráter eterno e estável do conhecimento divino, por intermédio do oráculo, livre das contingências e mudanças oriundas do Acaso (*Týkhe*), que governam as ações humanas. Ao valorizar o pré-conhecimento divino, Sófocles estaria antecipando postulados platônicos: "Alguns anos depois da representação do *Édipo rei* nasce Platão, que iria propor sua teoria das idéias, um reino do significado absoluto, não gerado e indestrutível, que governa o mundo em que vivemos, pressupondo na verdade o significante absoluto".² Essa análise privilegia o aspecto religioso da tragédia, sem considerar, com mesma ênfase, a imagem heróica de Édipo. Comentemos primeiramente o segundo ponto, antes de abordarmos o primeiro.

1. Razão

Até onde chega o meu conhecimento da bibliografia crítica, nenhum autor examinou de maneira tão exaustiva e original o traço heróico de Édipo quanto Bernard Knox, em *Oedipus at Thebes—Sophocles' Tragic Hero and His Time*, livro publicado em 1957. Trata-se de uma obra que, independentemente da tese que defende, destaca-se ainda hoje pela análise da linguagem da peça. Para Knox, a questão central do *Édipo rei* não é o parricídio nem o incesto — cometidos antes do início do drama —, mas a investigação levada a cabo pelo personagem com o intuito de descobrir, num primeiro momento, o assassino de Laio, e, num segundo, sua própria identidade. O autor nega a atuação de potências divinas nos bastidores do drama, constituído tão-somente das ações de Édipo: "A relação entre a profecia e a ação do herói não é de causa e efeito. É a relação entre duas entidades independentes que se igualam". A meu ver, a tese de Knox é mais interessante pelo que afirma do que pelo que nega. Como pretendo indicar a seguir, a atuação divina parece-me bem mais efetiva do que entende o helenista norte-americano, embora esse ponto-de-vista não enfraqueça a imagem que ele nos oferece do rei tebano.

De certo modo, Édipo seria a expressão da própria Atenas do 5º século a. C.: inquieto, brilhante, corajoso, arrogante, perspicaz, imperial, curioso, vaidoso, conseqüente, calculador, investigativo são alguns dos adjetivos que

² Walter Burkert, "Edipo, ovvero il senso degli oracoli. Da Sofocle a Umberto Eco" in *Origini selvagge* (trad. it.), Roma-Bari, 1992, 105.

caberiam também à cidade no seu apogeu, como sugerem várias passagens de Tucídides. Para configurar seu personagem, Sófocles introduz na tragédia, conforme examina Knox, conceitos, noções e termos técnicos da ciência, da historiografia e da filosofia da época. O verbo *dzeteîn* e seus cognatos, por exemplo, são de uso corrente em Platão (*to nyn dzetoúmenon*, "o objeto atual de investigação", é uma expressão do Eleata no *Sofista* 223c; *to dzetoúmenon*, "a investigação", diz Sócrates no *Teeteto* 201a), nos tratados de medicina ("para esta descoberta e investigação", *dzetémati*, Hp. V. M. 3), na historiografia ("a investigação – *dzétesis* – da verdade", Tucídides I, 20). Sófocles emprega 8 vezes *dzeteîn* no *Édipo rei*, 3 no *Ájax*, 2 no *Édipo em Colona* e 1 nas *Traquínias*. No verso 266, por exemplo, escreve:

dzetôn tòn autókhēira tu fónu labeîn
procurando prender o autor do assassinato

Knox observa que a reviravolta do destino do personagem "reflete-se na *peripetia* (reviravolta) de algumas de suas palavras características". Édipo é ora sujeito ora objeto de verbos característicos da linguagem científica. Do mesmo modo que "examina" (*skopeîn*, 68, 291, 407, 964), "indaga" (*historeîn*, 1150), é objeto da investigação (1180-1181); se, por um lado, é quem "descobre" (*heureîn* 68, 108, 120, 440, 1050), por outro, é "o descoberto" (1026, 1108, 1213, 1397, 1421). Um termo importante na historiografia (Heródoto I, 57; II, 33; Tucídides I, 1) e nos tratados de medicina (Hipócrates *Prog.* 24, *Acut.* 68) é *tekhmaíresthai*, que significa "formar um julgamento a partir de evidências", "inferir". No verso 109, Édipo fala da "dificuldade de inferir", das marcas deixadas, o autor da morte de Laio. No verso 916, segundo Jocasta, é o próprio Édipo quem não "infere" do passado os acontecimentos presentes.

Se, no *Prometeu*, Ésquilo considera a matemática a ciência mais importante (v. 459: "Inventei o prodígio das ciências/ – o cálculo"), Sófocles incorpora de maneira extensiva, no *Édipo*, termos nela recorrentes. Cito apenas alguns trechos em que isso ocorre, a título de exemplo. No verso 31, o sacerdote usa uma forma participial de *isóo* ("igualar"), numa passagem que traduzi assim:

Édipo, igual a um deus? Nem eu nem os
meninos incorremos nesse equívoco.

No verso 1507, o mesmo verbo (com o prefixo *eks*), no episódio em que Édipo roga pelo futuro das filhas:

Não as iguale aos infortúnios meus.

Um adjetivo com valor adverbial da raiz de *isóo* (*íson*: "igual", "igualmente") aparece no verso 579:

Creon:

Entre os dois, no reinado, há isonomia (*íson némon*)?

Outra equação verbal, construída com *isos* ("igual", 1019):

Édipo:

E quem me fez seria igual a um zero?

Chama a atenção a presença de *metréo* ("medir") na tragédia. Édipo comenta a demora de Creon (73-5):

Medir o dia de hoje com o metro
do tempo dói: a ausência de Creon
supera o combinado e o razoável.

A seguir, quando o irmão de Jocasta se aproxima (84):

De onde ele está, sua voz já é mensurável.

No verso 963, o mensageiro coríntio esclarece a causa da morte de Políbio:

Édipo:

Enfermidade então levou o velho.

Mensageiro:

Além da macro medição de Cronos.
makrô ge symmetrúmenos khróno

Com relação ao assassinato de Laio, há como que uma dança de números no *Édipo*. Segundo informação do único sobrevivente da escolta do rei, o crime teria sido praticado por vários homens, e não por um apenas. As construções da passagem, observa Knox, lembram um "problema de aritmética"³:

Creon:

Morreram, menos um: fugiu de medo.
De certo nada disse, exceto um fato.

Édipo:

Diz qual fato! O um será matriz do múltiplo
se algo tiver de Élpis, a esperança.

Creon:

Agiu de assalto o bando marginal:
não uma só, mas muitas mãos o matam.

Édipo:

E esse ladrão, se não o corrompessem
com a prata, teria tamanha audácia?

O uso idiomático explicaria a mudança do plural para o singular ("muitas mãos" / "o ladrão")? Ao empregar o singular, Édipo teria em mente o líder do grupo, responsável pela tentativa de golpe de Estado, conforme o rei imagina? São explicações possíveis que não impedem, contudo, de levarmos em conta a hipótese de um lapso lingüístico, concebido por Sófocles (Édipo volta a usar o singular nos versos 139, 225, 230, 236; nos versos 246-7, fala da ação de um grupo; no 277, o coro utiliza o singular; no 715 s. Jocasta refere-se aos assassinos no plural).

Ocorre também, no *Édipo rei*, o emprego de um termo filosófico, o verbo *oida*, de interesse particular, pois está no centro de numerosos trocadilhos. "Nenhuma tragédia é mais acerca da linguagem do que o *Oedipus Tyrannus*".⁴ "Toda a tragédia de Édipo está, portanto, como que contida no jogo ao qual o enigma de seu nome se presta".⁵ Também a esse respeito, o livro de Knox revelou-se precursor, abrindo caminho para um grande número

³ Op. cit. 151.

⁴ Charles Segal, *Tragedy and Civilization. An interpretation of Sophocles*, Cambridge Mass., 1981, 241.

⁵ Jean-Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet, *Mito e Tragédia na Grécia Antiga* (trad. brasileira), Duas Cidades, 1977, 91.

de estudos que examinam os jogos de linguagem criados por Sófocles. *Oidipous* deriva de *oideo* ("inchar") e *pous* (pés), referência ao defeito físico que o herói traz dos primeiros dias de vida, provocado pela trave com que Laio perfura-lhe os tornozelos, antes de entregar o filho a um pastor, a fim de que o abandonasse em monte ermo. Entretanto, o poeta associa frequentemente o nome do herói a *oida* ("saber"), sugerindo a condição ambígua do rei tebano que, se mostra sabedoria ao solucionar o enigma da Esfinge, revela ignorância quanto à própria identidade. Assim, é possível entrever, no sarcasmo com que Édipo trata Tirésias, a ironia do próprio Sófocles, no episódio em que o rei tebano recorda que ninguém fora capaz de derrotar a Esfinge, somente ele, "Édipo, o que nada sabe", conforme a tradução literal da expressão grega *ho mēden eidōs Oidipous* (397), em que *eidōs* (particípio de *oida*: "o que sabe") repercute em *Oidi-pous*. Ironia e ambigüidade estão também presentes na decifração do enigma da Esfinge. A "cadela cantora" pergunta qual ser possui dois, três e quatro pés – *dípous, trípous, tetrápous*. *Oidipous* responde acertadamente "homem", isto é, *oi-dipous* ("os de dois pés"). "Mas", comenta Vernant, "esta resposta só é um saber na aparência; ela mascara o verdadeiro problema: o que é então o homem? O que é Édipo? A pseudo-resposta de Édipo abre-lhe todas as grandes portas de Tebas. Mas, instalando-o na chefia do Estado, ela realiza, dissimulando-a, sua verdadeira identidade de parricida e incestuoso."⁶

Outra passagem notável do ponto-de-vista da linguagem refere-se à chegada do mensageiro coríntio. Enviado para comunicar a Édipo a morte de Políbio, será o responsável pelo esclarecimento da identidade do rei de Tebas. Podemos considerar esse personagem um emissário de Apolo. Observe-se que ele entra em cena logo depois de Jocasta recolher-se no santuário apolíneo, onde roga pela lucidez do marido, atitude de certo modo contrária a manifestações anteriores da rainha, até então cética quanto à ciência oracular. Pois bem, esse mensageiro, cujo aspecto cômico, até onde chega meu conhecimento, só recentemente foi apontado⁷, assim se expressa, recém-chegado a Tebas (924-6):

Ar' an par' hymôn ô ksenoi mathoim' hopou
ta tou tyrannou dômat' estin *Oidipou*
malista d' auton eipat' ei katoisth' hopou.

O rei é nomeado no caso genitivo: *Oidipou* ("de Édipo"). *Pou* e seu

⁶ Loc. cit.

⁷ "Intrigante, falastrão, oportunista, grosseiramente mentiroso desde que possa tirar algum proveito... É antes um personagem da comédia que da tragédia, um *trickster*...", de acordo com Franco Maiullari, *L'interpretazione anamorfica dell'Edipo Re*, Istituti Editoriali e Poligrafici Internazionali, Pisa-Roma, 1999, 24.

correlato *hopou* significam "onde", sentido para o qual convergem as questões formuladas pelo mensageiro: o verbo *katoisth'* é uma forma de *kata-oida* ("saber") que, como observei, associa-se a *Oidi-pous*. "Saber onde" (*oida-pou*, *katoisth' hopou*) é uma interrogação formulada ironicamente a respeito de um personagem que ocupa posição incerta no espaço.⁸ Foi pensando nesses elementos formais que imaginei as seguintes possibilidades de tradução para esse trecho:

Estrangeiros, sabeis dizer-me acaso
por onde eu passo até chegar ao paço
do monarca? Melhor: onde eu o acho?

Ando no encalço de Édipo. Sabeis
dizer-me onde se encontra seu palácio?
Indicai-me, estrangeiros, onde o acho.

Com vossa ajuda encerrarei meu périplo:
onde se localiza o paço de Édipo?
Eu vos indago se ele está por perto.

Aperto o passo atrás do rei. Sabeis
como é que eu faço até chegar ao paço?
Acaso alguém dirá onde eu o acho?

A passos largos venho atrás do rei.
Acaso alguém me diz como é que eu faço
para chegar ao paço? Onde eu o acho?

Esse mesmo mensageiro, questionado, a seguir (1034-8), por Édipo, fornece dados importantes sobre a identidade do rei. Pressionado, informa que o pastor que lhe deu o recém-nascido sabe detalhes de sua origem: *ouk oid'; ho dous* ("não sei; quem deu"), profere o núncio, numa expressão em que o nome de Édipo volta a ecoar (*oid'ho dous / Oidipous*). Registre-se que essa fórmula poderia ainda ser entendida diferentemente: *ho dous* ("o que deu"), pronunciado numa única sílaba, significa "caminhos" (*hodous*). Como fizera anteriormente, ao chegar a Tebas, o mensageiro reafirma nas entrelinhas (ou entreletras) os descaminhos que des governam a vida de Édipo: *ouk oid'hodous* ("não sei os caminhos").⁹

Para Knox, não há intervenção direta dos deuses na peça, estando sua presença restrita ao âmbito da previsão oracular. Desse modo, ao cumprir

⁸ Ver Knox, op. cit. 184.

⁹ Cf. Simon Goldhill, *Reading Greek Tragedy*, Cambridge, 1986, 218.

o que fora previsto em Delfos, a frase de Protágoras, com a qual o helenista caracteriza o perfil de Édipo — "o homem é a medida de todas as coisas" —, ganha sentido platônico no desfecho da peça: "a medida de todas as coisas é deus".¹⁰ Essa opinião poderia ser adotada sem restrição, não fossem recorrentes no drama palavras como *daímon*, cuja conotação religiosa dificilmente pode ser apagada. O termo indica o controle limitado de Édipo sobre o seu próprio destino, graças ao caráter enigmático da ação divina, humanamente imprevisível. Um levantamento do uso de *daímon* na obra de Sófocles mostra sua importância no *Édipo*. O autor emprega-a 5 vezes no *Ájax*, 3 na *Antígone*, 5 na *Electra*, 14 em *Édipo em Colono*, 12 no *Édipo rei*, 7 no *Filoctetes*, 3 nas *Traquínias*.

2. Daímon

Não é fácil definir o sentido exato de *daímon* nessas tragédias. Se, por um lado, a palavra significa "divino", por outro, parece sugerir algo como "marca individual", particularmente depois de Heráclito — com cujo pensamento Sófocles tem tantas relações — ter escrito em seu conhecido aforismo: *ethos anthropo daímon*, "caráter é para o homem *daímon*". Kirkwood associa *daímon* à *moira* ("fado") e à *tykhe* ("acaso"), registrando a ocorrência de "uma qualidade pessoal no sentido de *daímon*; ela é concebida como um força ativa, condutora"¹¹:

O "demoníaco" não fornece explanação moral ou teológica do sofrimento ou da crueldade das circunstâncias. Ele significa, como Reinhardt diz, a inclusão em si mesmo de algo estranho a si mesmo, um fado interno que é personalizado e em certo grau externalizado. É o *daímon* que dirige um homem em seu curso ignorante, pois só os deuses têm conhecimento da *alétheia*. O "demoníaco" é o modo de Sófocles deixar na penumbra um elemento da experiência humana; a catástrofe descende inesperada e inevitavelmente de algum lugar. Mas aparentemente não há razão moral para sua descida, nem a natureza divina nem a humana é o agente deliberado. Seria pedante insistir na busca de precisão num reino que Sófocles deixa vago; "demoníaco" não representa nenhum conceito filosófico ordenado no pensamento sofoclano.¹²

Esse comentário preserva o caráter enigmático da intervenção do *daímon*. Trata-se de um agente responsável pelo surgimento do inesperado no destino. Talvez se possa apenas acentuar sua natureza divina. Mesmo que não se aceite

¹⁰ Op. cit. 184.

¹¹ G. M. Kirkwood, *A Study of Sophoclean Drama*, Ithaca e Londres, 1996², 284.

¹² Id. *ibid.* 285.

de maneira absoluta o tom categórico da afirmação segundo a qual "*Daímon* é a interpretação religiosa de *Týkhe*"¹³, deve-se ter em mente as numerosas vezes em que as duas palavras são relacionadas.¹⁴

No verso 816, Sófocles usa o composto *ekhthrodaímon*, um *hapax legomenon*: Édipo considera a hipótese de ter sido ele o assassino de Laio; nesse caso, "que homem seria mais odiado pelos deuses" (*ekhthrodaímon*)? Pouco depois, repete a mesma idéia, atribuindo seu destino a um *ómou daímonos tis*, "um *daímon* cruel" (828), sobre cuja identidade os comentários costumam convergir: "O homem é reduzido a um receptáculo da loucura divina"¹⁵; "Édipo, então, atribui a um poder sobre-humano cruel e hostil o destino, que será muito pior do que aquilo que ele já sabe".¹⁶

Cabe ainda citar, no que concerne à palavra *daímon*, uma bela passagem, em que o coro apresenta Édipo, o seu *daímon*, como paradigma (*parádeigma*) humano (1189-95). Esse episódio – como quase tudo na peça – tem sido objeto de diferentes comentários, inclusive da parte de Martin Heidegger, que o analisa na *Introdução à Metafísica*:

Estirpe humana,
o cômputo do teu viver é nulo.
Alguém já recebeu de um demo um bem
não limitado a aparecer (*dokein*)
e a declinar (*apoklinai*)
depois de aparecer (*dóksant'*)?
És paradigma, -
o teu demônio (*daímona*) é paradigma, Édipo:
mortais não participam do divino.

Jean Bollack assinala a importância do verbo *apoklinai* ("declinar"), que, relacionado freqüentemente ao movimento dos astros, indicaria aqui o caráter cíclico da felicidade humana ou sua instabilidade. Acrescenta ainda não haver conotação de ilusão subjetiva em *dokein* ("parecer"). A questão fundamental seria a do tempo, cuja fugacidade revelar-se-ia na incontornável dinâmica do "aparecer/declinar" da experiência de plenitude. A estabilidade desta, segundo Píndaro, só os deuses conheceriam. "O parecer, colocado em balança com o desaparecer, não faz tanto ver o "inautêntico" sobre um fundo de ser quanto apresenta seu êxito e prestígio sobre um fundo de nada."¹⁷ Ao

¹³ Pietro Pucci, *Oedipus and the Fabrication of the Father*, Baltimore e Londres, 1992, 146.

¹⁴ Ver E. R. Dodds, *The Greeks and the Irrational*, Berkeley, 1951, 58 (80).

¹⁵ Jean Bollack, *L'Oedipe Roi de Sophocle*, Lille, 1990, vol. 2, 511.

¹⁶ Winnington-Ingram, *Sophocles - An interpretation*, Cambridge, 1980, 174.

¹⁷ Op. cit., vol. 3, 782.

empregar o termo "inautêntico", Bollack alude criticamente à análise que Reinhardt e, a partir dele, Heidegger fizeram da mesma passagem. Entretanto, não creio que o helenista francês dê o devido peso à função de *daímon* no episódio, traduzindo-o por um impreciso "destino", que de certo modo enfraquece sua função ativa.

Na leitura de Reinhardt, *daímon* ocupa lugar central.¹⁸ O filólogo alemão observa que, no âmbito da experiência humana, "ser" e "aparência" (*alétheia* e *doxa*) são mesclados, "numa união que não é exterior nem formal, porém solicitada pelo *daímon*". *Édipo* não seria uma tragédia do destino, mas da "aparência", a qual não se confunde com o falso, mas se apresenta como um modo de ser em cujo horizonte o homem vive a precariedade do júbilo. Embora Reinhardt considere o movimento temporal, uma vez que o "declinar" da aparência se confunde com o momento da revelação trágica, o fundamental em sua análise é apresentar o *daímon* como elemento desencadeador da tragédia, o agente que faz da felicidade humana um acontecimento aparente. Não será difícil notar – registro de passagem – o motivo pelo qual essa análise iria influenciar Heidegger que, na *Introdução à Metafísica*, observa que o movimento entre "aparecer" e "declinar" confunde-se com a dinâmica do próprio Ser que se oculta ao se tornar visível no ente e se revela no declinar da aparência.¹⁹

Chamo a atenção do leitor para outras duas passagens em que Sófocles emprega o termo *daímon*. São versos que se destacam pela densidade formal, pela originalidade da imagem e pelo que esclarecem da própria noção de *daímon*. No primeiro trecho (1297-1303), o coro dirige-se a Édipo, pouco depois de ele cegar-se. Nas duas questões formuladas, empregam-se verbos de movimento: *prosbainô* ("colocar o pé contra", "apoiar o pé em", "avançar para", "recair sobre", "come upon" na versão recente de Hugh Lloyd-Jones²⁰) e *pedáo* ("saltar", "arrojar-se", "spring upon", segundo Lloyd-Jones, que traduz a preposição *prós* do grego pelo *upon* inglês, "sobre", sentido adotado por editores da peça). O coro indaga sobre o responsável pelo cegamento: "qual *mania* ("loucura") avançou sobre ti?", e reformula a questão a seguir, restringindo o campo de *mania*, cujo sentido varia, dependendo do deus por ela responsável: "que *daímon* lançou-se sobre tua *moira* ("destino") *dusdaímoni*?" Esta última palavra é um adjetivo formado a partir de *daímon*, com o prefixo de valor negativo *dus*, que os tradutores, sem levar em conta o belo jogo de palavras *daímon/dusdaímoni*, vertem por "miserável" (Lloyd-Jones) ou

¹⁸ Karl Reinhardt, *Sófocle* (trad. it.), Genova, 1989, 111 s.

¹⁹ Ver Martim Heidegger, *Introdução à Metafísica* (trad. bras.), Rio de Janeiro, 1978, 133 s.

²⁰ Hugh Lloyd-Jones, *Sophocles, Ajax-Electra-Oedipus Tyrannus*, Loeb, 1994.

"desafortunado" ("infortune", segundo Bollack²¹). Registro também a ocorrência nesse verso de outra expressão notável por seu caráter enfático, em que um superlativo é relacionado ao comparativo de superioridade de *mégas* ("grande"): *meidzona makíston*, "que *daímon*", retomo o verso literalmente, "saltou mais do que o máximo sobre teu destino (*moira*) desafortunado (*dusdaímoni*)", ou, de acordo com a tradução que proponho:

Que delírio, infeliz, te atropelou?
Que deus-demônio, de um só salto,
transpassa uma distância máxima,
impondo os pés sobre tua moira demoníaca?

A essas questões, Édipo responde a seguir, identificando o deus responsável por sua desgraça: Apolo. Também nesse trecho, destaca-se o desenho formal do verso, devido às repetições *kaká kaká* e *emà tád' emá* e às assonâncias em /a/ e /e/:

ho kakà kakà telôn emà tád' emà páthea.

Bollack apresenta a seguinte tradução (com referência a Apolo):

L'achevant, crime sur crime! Mes souffrances, mes souffrances
à moi!

Na edição de Lloyd-Jones, aparece:

Apollo, who accomplished these cruel, cruel sufferings of mine!

Mário da Gama Kury²², por sua vez, traduz assim:

Foi Apolo o autor de meus males,
de meus males terríveis; foi ele!

Procurando manter algo das repetições expressivas e da assonância do grego, verti da seguinte forma o verso em questão e o anterior:

²¹ Op. cit. vol. 1, 283.

²² Mário da Gama Kury, *A Trilogia Tebana*, Jorge Zahar, 1989.

Apolo o fez, amigos, Apolo
me assina a sina má: pena apenas.

Cito a continuação da fala de Édipo (1331-35), que revela aspectos importantes da noção de *daímon*:

Ninguém golpeou-me,
além de minhas mãos.
Ver — por quê? —,
se só avisto amarga vista?

Para alguns comentadores haveria oposição entre esses quatro versos e os dois anteriores, relativos a Apolo. Édipo estaria afirmando que o parricídio e o incesto foram causados por Apolo, enquanto o cegamento, por ele próprio. A leitura de Dawe parece-me, entretanto, mais interessante do que essa. Segundo o editor inglês²³, intervenção divina e ação humana são aspectos que se sobrepõem para os gregos, desde Homero. E lembra, com pertinência, o verso famoso da *Odisséia*, em que o aedo Fêmio registra a Ulisses, que está prestes a assassiná-lo: "Autodidata sou e um deus fez surgir em mim toda sorte de canções" (*Od.* 22, 347).

Ao colocar Édipo entre a razão e o *daímon*, Sófocles reafirma o caráter paradoxal do herói trágico, fascinante e frágil, arrogante e desarmado, engenhoso e vulnerável. Não se deve perder de vista que, em relação às versões anteriores do mito, Sófocles faz uma alteração significativa: quando a peça tem início, o parricídio e o incesto já foram consumados e, antes de consumados, previstos pelo oráculo. Como disse antes, três referências temporais apresentam-se, portanto: o tempo da revelação oracular, o do parricídio e do incesto, o das investigações de Édipo sobre o assassino de Laio e sobre si próprio. O herói é agente e paciente da ação, submetido às forças do *daímon* e do acaso (*týkhe*). Sobre esse enredo, paira o pré-conhecimento divino. Num ambiente cultural em que os sofistas ensinavam, por exemplo, "a tornar forte um argumento fraco", em que o relativismo avançava inclusive sobre o campo da ética, o coro sofoclíano evoca a "pureza da linguagem" (863), regida pelas "leis de pés elevados" do Olimpo (866) em contraste com a "desgraça de terríveis pés" (418), na qual se coloca e é colocado o rei de pés-inchados (*Oidi-pous*). Mais importante do que procurar determinar a posição exata de Sófocles nesse mundo, como se uma tese o motivasse, talvez seja manter presente a atitude interrogativa que a ambigüidade dos diversos planos da tragédia desperta a cada leitura.

²³ R. D. Dawe (ed.), *Oedipus Rex*, Cambridge University Press, 1982, 232.

3. Oráculo

Retorno à epígrafe de Heráclito, cujo verbo final, traduzido com precisão por Haroldo de Campos (*semainein*, "emitir signos": "assigna"), nos remete a uma questão que desde cedo interessou os gregos: a natureza ambígua da linguagem. No que concerne ao oráculo délfico, a literatura foi além do registro histórico, dando razão a um conhecido comentário de Aristóteles na *Poética*.²⁴ O que nos vem à mente quando pensamos no santuário de Apolo é o aforismo de Heráclito e não o fato de nenhum dos setenta e dois oráculos délficos de caráter histórico, registrados por Fontenrose, apresentar ambigüidade.²⁵ O grande interesse dos gregos por construções paradoxais, por argumentos polarizados, pela formulação de enigmas indica que se colocavam, em relação à linguagem, na posição de decifradores. Pensemos, por exemplo, para situar a questão numa época remota, nos versos 26-28 da *Teogonia* (séc. 8 a.C.), segundo os quais as musas afirmam saber, por um lado, "dizer muitas mentiras similares às verdadeiras" e, por outro, "cantar coisas verdadeiras". Esse é um dos primeiros registros na literatura grega de uma questão que posteriormente será abordada em termos de mímese. Trata-se de uma reflexão poética sobre um tema recorrente: a possibilidade de formulações falsas representarem e substituírem as verdadeiras. "As aparências enganam", reza o ditado que poderia ter sido inventado por algum grego. Heráclito critica Homero por não ter se deslocado do mundo aparente (*tôn fanerôn*), quando jovens que matavam piolhos o enganaram, dizendo: "o que vimos e pegamos é o que largamos, o que não vimos nem pegamos é o que trazemos conosco". Em outra versão, referida por Plutarco (*Vit. Hom.* 46-49 e 62-71), mas provavelmente anterior à de Heráclito, a anedota é formulada por pescadores e, apesar do alerta do oráculo de Dêlfos para que Homero evitasse o enigma, o poeta não é capaz de responder a charada, morrendo a seguir.

"A sabedoria grega é uma exegese da ação hostil de Apolo", escreveu Giorgio Colli,²⁶ tendo em mente um dos símbolos apolíneos, o arco, cujo nome é "vida" (*bíos*), mas cuja ação é "morte" (conforme *biós*, "arco"), segundo Heráclito. Ao colocar no centro do *Édipo rei* o oráculo apolíneo, Sófocles destaca a questão da significação verdadeira e da decifração verbal. No *Ájax*, Atena recomendava prudência frente à instabilidade do destino. No *Édipo rei*, o coro apenas constata a fragilidade incontornável da vida:

Atento ao dia final, homem nenhum

²⁴ Refiro-me à passagem (1451b5), em que Aristóteles afirma que a poesia é mais "filosófica e elevada que a história".

²⁵ Cf. J. Fontenrose, *The Delphic Oracle*, 1978. Ver, sobre o assunto, o excelente estudo de Pietro Pucci, *Enigma segreto oracolo*, Pisa-Roma, 1996.

²⁶ *O Nascimento da Filosofia* (trad. bras.), Campinas, 1988, 33.

afirme: *eu sou feliz!*, até transpor
— sem nunca ter sofrido — o umbral da morte.

Entre a razão e o *daímon*, ou melhor, acima deles, há o oráculo, representando a pré-ciência divina. O drama de Édipo reflete a presença desses três planos que estabelecem relações complexas entre si, para além da relação de causa e efeito. O problema de algumas interpretações do passado foi terem privilegiado um desses aspectos, em detrimento dos demais. Lembro, por exemplo, a opinião de que o *Édipo* seria uma "tragédia do destino", na qual o herói apenas levaria a termo a profecia. Se lemos a peça desse ângulo, deixamos escapar traços marcantes do personagem — caráter voluntarioso, grandeza heróica, talento intelectual —, responsáveis em grande parte pelo próprio enredo dramático. Que as ações de Édipo ganhem sentido inesperado é algo que não tira o brilho do herói, mas evidencia sua fragilidade. Essa fragilidade resulta da ação enigmática e imprevisível do *daímon*, agente divino que alguns comentadores aproximam da noção de acaso (*týkhe*). A descoberta da identidade pelo indivíduo traz, portanto, outras revelações: permite registrar a pré-cognição divina, não afetada pelas contingências da experiência humana, e a ocorrência, na dinâmica existencial, de um elemento de difícil definição. Esse último aspecto tem despertado interesse de comentadores recentes, particularmente dos adeptos de teorias psicanalíticas. O *daímon* seria a expressão do Outro.

"A catástrofe de Édipo é que ele próprio descobre sua identidade", escreveu Bernard Knox, estudioso a quem devemos muito da caracterização heróica de Édipo.²⁷ Sem discordar desse comentário, observo que a catástrofe decorre da consciência, por parte de Édipo, de que a sua própria identidade possui dimensões indecifráveis. Trata-se de uma constatação aparentemente simples do ponto-de-vista formal, mas com desdobramentos de complexidade bastante conhecida. A tragédia de Édipo nasce não só do fato de ele ser outro do que pensava, mas também de esse outro ser o que é: outro. Essa conclusão não enfraquece absolutamente a dignidade intelectual do personagem, antes, pelo contrário, a coloca em destaque: é o exercício brilhante da razão que permite entrever a dinâmica inclassificável do enigma.

²⁷ Op. cit. 6.

ÉDIPO REI

ÉDIPO:

Descendentes de Cadmo! Crianças, moços!
Por que trazeis à testa ramos súplices,
prostrados, nos assentos dos altares?
Vapor de incenso assoma em meio à pólis,
assomam cantos fúnebres, lamentos. 5
Considerarei injusto ouvir dos núncios,
por isso eu vim, meninos, pessoalmente,
Édipo, cujo nome pan-aclamam.
Fala, decano! Tens a primazia 10
da palavra. Que humor vos põe assim?
Temor? Anseio? O meu intuito é dar
total auxílio. Um homem insensível
seria, alheio à ocupação das sédes.

SACERDOTE:

Acorre ao teu altar, senhor de Tebas,
um grupo, cada qual com sua idade: 15
uns imaturos para o vôo solo;
outros, arcados, são os sacerdotes
— como eu — de Zeus, além dos homens-moços.
A multidão se prostra junto ao duplo 20
templo de Palas, ramo à testa, na ágora,
em torno às cinzas do apolíneo augúrio.
Naufraga a pólis — podes conferi-lo —;
a cabeça, já é incapaz de erguê-la
por sobre o rubro vórtice salino: 25
morre no solo — cálices de frutas;
morre no gado, morre na agonia
do aborto. O deus-que-porta-o-fogo esfola
a pólis — praga amarga —, despovoando
as moradas cadméias. O Hades negro 30
se enriquece de lágrima e lamento.
Édipo igual a um deus? Nem eu nem os
meninos incorremos nesse equívoco;
um ás te reputamos nas questões
da vida e no comércio com os deuses. 35
Recém-chegado a Tebas, nos poupaste
do ônus que impôs a ríspida cantora,
a Esfinge, mesmo à míngua de outros dados
de nossa parte. Um nume — é voz unânime —
acompanhou-te ao nos furtar da morte. 40
Senhor supremo, ajuda agora, Édipo,
pois todos clamam, todos te suplicam
uma saída: acaso um deus, um homem

não disse como nos mantermos vivos?
 As deliberações de alguém vivido
 resultam em ações mais efetivas. 45
 Melhor entre os melhores, reergue a pólis!
 Melhor entre os melhores, lembra: sóter,
 assim te chamam, nosso salvador.
 Não fique do teu reino esta memória:
para tombar de novo nos erguemos. 50
 Com tua mão segura, apruma a urbe!
 Já nos trouxeste o bom pendor da sorte,
 nos augurando um bom agouro. Volta!
 Se te incumbe reinar, algo inconteste,
 melhor reger a pólis que o deserto. 55
 A torre sem ninguém é nada, a nave
 também é nada se há o vazio humano.

ÉDIPO:

Meninos, ciente e não insciente estou
 do afã que movimenta este cortejo.
 Eu reconheço o pan-sofrer; contudo, 60
 nenhum sofrente tem meu sofrimento:
 a cada um tão-somente a dor remonta,
 a ele e a mais ninguém. Meu peito aperta
 pela pólis, por mim, por ti também.
 Não me encontrais gozando a paz de Hipnos. 65
 Sabei que muita lágrima chorei,
 nas muitas vias do pensamento eu me
 perdi, e um só remédio me ocorreu:
 a Delfos eu enviei Creon Menécio;
 partiu o meu cunhado com o fito 70
 de perguntar: a paz, como a devolvo
 a Tebas, com palavras ou com atos?
 Medir o dia de hoje com o metro
 do tempo dói: a ausência de Creon
 supera o combinado e o razoável. 75
 Com ele aqui, serei um homem vil,
 se me furtar a quanto o deus prescreva.

SACERDOTE:

Palavras oportunas, justo quando
 assinalam que o enviado está de volta.

ÉDIPO:

Týkhe-Sóter, o acaso salvador 80
 nos traga, ó Apolo, Creon olhiesplendente!

SACERDOTE:

Policoroa de louros e de frutas
à frente sinaliza boas notícias.

ÉDIPO:

De onde ele está, sua voz já é mensurável.
Filho de Meneceu, senhor, cunhado,
qual dito numinoso a Tebas trazes?

85

CREON:

Um dito bom: se a adversidade acaso
corrige o passo, em bem resulta o acaso.

ÉDIPO:

Atém-te ao tema, pois o teu dizer
nem tranqüiliza nem atemoriza.

90

CREON:

Posso falar na frente dessa gente
ou, se preferes, no interior do paço.

ÉDIPO:

Informa a todos! Sofro mais por eles
do que por minha própria vida! Fala!

CREON:

95

Escutarás tal qual ouvi do deus.
Sem circunlóquio, Foibos, pleniluz,
mandou-nos expulsar o miasma. Aqui
cresceu, e há de crescer, se não ceifado.

ÉDIPO:

Como nos depurarmos? Qual desgraça?

CREON:

100

Caçar o réu, pagar com morte o morto:
que escarcéu faz na pólis este sangue!

ÉDIPO:

Quem teve o azar da sorte, o deus o indica?

CREON:

Em tempos idos, Laio mandava aqui,
antes de começar o teu reinado.

ÉDIPO:

105

Sei por ouvir dizer; jamais o vi.

CREON:

Assassinado. O deus profere claro:
punir — não importa quem! — os matadores.

ÉDIPO:

Oriundos de onde? Onde buscaremos
pegadas foscas de um delito antigo?

CREON:

110

Aqui, falou. Só se acha o que se caça;
o que negligenciamos nos escapa.

ÉDIPO:

No palácio, no campo, no estrangeiro,
em que local eliminaram Laio?

CREON:

Indagaria — nos disse — o deus em Delfos
e desde que partiu não retornou.

115

ÉDIPO:

Ninguém viu nada, núncio algum, factótum,
que nos tivesse alguma utilidade?

CREON:

Morreram, menos um: fugiu de medo.
De certo nada disse, exceto um fato.

ÉDIPO:

120

Diz qual fato! O um será matriz do múltiplo,
se tiver algo de Élpis, a esperança.

CREON:

Agiu de assalto o bando marginal:
não uma só, mas muitas mãos o matam.

ÉDIPO:

E esse ladrão, se não o corrompessem
com a prata, teria tamanha audácia?

125

CREON:

Também pensamos; mas, depois que Laio
morreu não houve quem o defendesse.

ÉDIPO:

Derruído o rei, que mal, travando o pé,
impede assim a solução do caso?

CREON:

A Esfinge, canto-enigma: o que estiver
aos pés, olhar; deixar velado o opaco.

130

ÉDIPO:

Desato o nó de novo desde a origem.
Louvo o apuro de Apolo e o teu apuro,
tomando a peito o caso pelo morto.
Também entro em combate por justiça,
vingando a um só tempo o deus e Tebas.
Não ajo em nome de um remoto amigo,
mas por mim mesmo eu mesmô afasto a mácula:
quem pôs as mãos em Laio logo pode
querer de mim vingar-se com seu golpe.
Socorro Laio, colho benefícios.
Sem mais delonga, abandonai, meninos,
os altares, nas mãos os ramos súplices.
Alguém reúna aqui o povo cádmio.
Neste afazer me empenho. Atue o nume
e recolhamos júbilo ou catástrofe.

135

140

145

SACERDOTE:

Meninos, já podemos retirarmo-nos,
pois nos moveu o apalavrar do rei.
Apolo nos enviou a profecia:
retorna, Sóter, e nos salva e cura!

150

CORO:

Suave fala de Zeus,
o que nos vem de Delfos, toda-ouro,
à bela Tebas?
Coração transido, o pavor

me oprime, Apolo Délio,
senhor do grito lenitivo! 155
Ao teu redor, tremor:
Qual meu tributo? Um novo rito,
rito refeito ao ciclo da estação?
Diz, filha de Élpiis-ouro,
Voz ambrósea!

Primeira invocação: Atena ambrósea; 160
depois, sua irmã, guardiã-do-solo, Ártemis,
trono augusto no círculo da praça,
e Apolo, bom-na-lança.

Defesa tripla contra Moira-Morte, 165
vinde! Se outrora – a urbe em ruína –
lançastes longe o fogo da catástrofe,
voltai de novo agora!

Suporto males múltiplos.
A tropa adoece em bloco 170
e as armas do pensar, nenhuma nos
resguarda.

Não vinga o fruto no afamado campo;
sem dar à luz, esposas gritam dores. 175
Como aves, belas-asas, mais
ágeis que o fogo indômito,
todos, um a um, lançam-se às encostas
do deus crepuscular:

Incontáveis. A pólis morre. 180
Portadores-de-Tânatos, tristíssimos,
os mortos proliferam pelas ruas.

Ao pé do altar acorrem mães senis,
esposas, choram súplices 185
a dura agrura.

Fulgura o hino e o coro de lamentos.
Envia, Palas, olhi-paz, dourada
filha de Zeus;
o júbilo da ajuda. 190

Ares fulminador,
sem o bronze do escudo, agora
arde e circum-troa.

Gira a espádua, retorna 195
rápido, sob a aura,
ao megatálamo de Anfitrite,
ao porto hostil a estranhos,
aos trácios vórtices!

Ao que sobra da noite,
o dia assalta.
Rei do ígneo fulgor, 200
teu raio, ó Zeus, fulmine Ares.

Senhor da Lícia,
 teu arco, nervo-ouro,
 dispare invencível, à vanguarda, 205
 os dardos protetores. Com eles
 cheguem as tochas flâneas de Ártemis –
 consigo a deusa as leva aos montes lícios.
 Senhor da mitra áurea, 210
 epônimo de Tebas,
 eu chamo Baco em chamas,
 rosto-vinho,
 Evoé quando evocado,
 ministro das Mênades,
 com tocha ardente, contra 215
 o deus que os deuses desestimam!

ÉDIPO:

Rogas e o rogo – se ouves com apreço
 minha fala, se cuidas da moléstia –
 encontra proteção, além de alívio.
 Alheio ao dito, alheio ao sucedido, 220
 declaro: só e sem melhor indício
 será difícil prolongar a busca.
 Na condição de cidadão tardio,
 proclamarei aos cádmios o seguinte:
 se alguém souber que mãos mataram Laio, 225
 filho de Lábdaco, a esse alguém ordeno
 que se apresente a mim e conte tudo.
 Se teme a punição ao pronunciá-lo
 contra si mesmo, afirmo que uma pena
 sofrerá: parte ileso para o exílio. 230
 Se o assassino for um outro, alguém
 de fora, mesmo nesse caso, fale
 e colha a recompensa do homem grato.
 Não sendo aceita a minha oferta, se,
 receando pelo amigo ou por si mesmo, 235
 alguém se cale, assim procederei:
 seja qual for a identidade dele,
 até onde meu trono e cetro imperem,
 ninguém o deixe entrar, ninguém lhe fale,
 ninguém se lhe associe em atos sacros, 240
 ninguém a água lustral – ninguém! – lhe oferte.
 Merece o teto acolhedor um homem
 que nos macula a todos com seu miasma,
 conforme revelou o deus em Delfos?
 E quanto a mim, eu luto em prol do nume, 245
 eu luto pelo nome do homem morto.
 Ao inferno – assassino! – esteja oculto
 sozinho ou com o bando de comparsas.
 Na miséria, sem Moira, acabe o mísero!
 E digo mais: se acaso em meu palácio,

consciente, acontecer de recebê-lo, 250
 recaia em mim a imprecação que faço.
 Adjuro todos a cumprir o dito,
 pelo nume, por mim, por esta terra
 sem fruto, sem o deus, sem vida, nada.
 Mesmo se o deus não nos forçasse à ação, 255
 não conviria deixar impura a pólis:
 quando o melhor falece, o basileu,
 mister é esclarecer. Aconteceu-me
 de herdar o mando que lhe pertencia,
 de herdar seu leito e desposar-lhe a esposa; 260
 não o privasse a sorte má de filhos,
 teriam os nossos uma só matriz.
 Sobre a cabeça dele pesa o azar.
 Por isso, como por meu pai, combate.
 Em minha busca, nada me limita 265
 até que eu prenda o autor desse homicídio:
 por Laio, rei, descendente de Políodoro,
 Cadmo, Agénor: ancestres ilustríssimos.
 Contra quem negue auxílio, deuses, peço:
 não saiba o que é brotar no campo o fruto, 270
 não colha da mulher senão aborto,
 pereça de um flagelo pior do que este.
 Quantos cádmios nos derem hoje escuta,
 possa Dike ajudar, guerreira amiga,
 com sua presença os deuses nos regalem. 275

CORO:

No que me toca a imprecação, afirmo:
 o rei eu não matei nem sei quem o
 matou. Apolo nos enviou o enigma;
 cabe-lhe, pois, nomear o autor do crime.

ÉDIPO:

Concordo. Mas humano algum consegue 280
 impor aos deuses o que não desejem.

CORO:

Pois faço uma segunda sugestão.

ÉDIPO:

E uma terceira. Não omitas nada!

CORO:

A um magno o magno Foibos aguçou 285
 a vista: obtém resposta mais certa

quem examina os fatos com Tirésias.

ÉDIPO:

Não descurei nem mesmo desse ponto:
instado por Creon, enviei dois homens
ao seu encontro. O grande atraso intriga.

CORO:

Ainda é audível um rumor antigo.

290

ÉDIPO:

Qual rumor? Examino toda hipótese.

CORO:

Dizem que uns andarilhos o mataram.

ÉDIPO:

Ouvi dizer. Quem presenciou, sumiu.

CORO:

Se lhe restar um pouco de pavor,
ouvindo a imprecação, não calará.

295

ÉDIPO:

Quem não treme na ação, palavras teme?

CORO:

Mas há quem o convença. Aqui já trazem
o divino profeta. Nele só
se infunde o Desocultamento: *Alétheia*.

ÉDIPO:

Tirésias, pan-senhor telúrio-urânico
do que se diz e cala no silêncio,
a pólis — cego embora, o tens na mente —
está doente. Mais ninguém, senhor,
escudo, sóter, nos garante a sorte.
Apolo — não te disse o mensageiro? —
aos núncios anunciou haver apenas
uma saída ao mal que nos aflige:
matar os homens que mataram Laio,
ou acuá-los — que corram para o exílio!

300

305

O que o pássaro augura não ocultes, 310
nem os auspícios de uma outra via.
A urbe e a ti depura, a mim depura,
depura-nos dos miasmas do cadáver.
O desdobrar-se ao máximo por outrem, 315
compensa com beleza o empenho humano.

TIRÉSIAS:

Terrível o saber se ao sabedor
é ineficaz. Embora ciente disso,
me descuidei: jamais teria vindo.

ÉDIPO:

O que ocorreu? Por que chegas sem ânimo?

TIRÉSIAS:

Deixa que eu volte. Cada qual sopesse 320
o próprio fardo. Crê: será melhor.

ÉDIPO:

Renegas normas; desamor revelas
pelo país natal, com fala estéril.

TIRÉSIAS:

Os sons que emites são inoportunos;
não quero padecer da mesma sorte. 325

ÉDIPO:

Se algo sabes, não partas, pelos deuses!
Pan-suplicantes, nos prostramos todos.

TIRÉSIAS:

Pois todos ignorais! O meu pesar
não apresentarei, expondo o teu.

ÉDIPO:

Será que entendo bem? Sabendo, calas? 330
Planejas nos trair, destruir a pólis?

TIRÉSIAS:

O meu sofrer não quero, nem o teu.
Inútil prolongar teu questionário.

ÉDIPO:

Seu miserável mor! Não falarás?
Até uma pedra encolerizas. Ficas
assim empedernido, irredutível?

335

TIRÉSIAS:

O meu temperamento recriminas
por ignorares o que habita em ti.

ÉDIPO:

Como posso manter-me calmo, se ouço
palavras que à cidade só desonram?

340

TIRÉSIAS:

Mesmo que eu silencie, os fatos falam.

ÉDIPO:

Um bom motivo para não calares.

TIRÉSIAS:

Nada acrescentarei. O coração
inflama com tua fúria, se o quiseres.

ÉDIPO:

Já nada fica implícito — motivá-me
a fúria: arquitetaste o assassinato,
melhor, o cometeste, embora com
as mãos de um outro. Se pudesses ver,
diria ser obra de um autor somente.

345

TIRÉSIAS:

Verdade? Pois então assume os termos
do teu comunicado: de hoje em diante,
não fales mais comigo nem com outrem,
pois com teu miasma contaminas Tebas!

350

ÉDIPO:

O despudor motiva tuas palavras;
acaso crês fugir das conseqüências?

355

TIRÉSIAS:

Sim, pois me nutre o vero, a própria *Alétheia*.

ÉDIPO:

E quem te instruiu, inepto para o augúrio?

TIRÉSIAS:

Tu mesmo, ao pressionar a minha fala.

ÉDIPO:

Qual fala? Fala! Assim eu me elucidado.

TIRÉSIAS:

Não compreendeste ou queres me testar?

360

ÉDIPO:

Minto se digo ter certeza. Aclara!

TIRÉSIAS:

Afirmo que és o matador buscado.

ÉDIPO:

Duas vezes me insultaste. Pagaś caro!

TIRÉSIAS:

Devo seguir e saturar tua cólera?

ÉDIPO:

Ao bel-prazer, pois nulo é o vanilóquio.

365

TIRÉSIAS:

Te uniu aos teus, inadvertidamente,
— direi — um elo torpe. O mal não vês.

ÉDIPO:

Insistes nisso? Crês na impunidade?

TIRÉSIAS:

Se houver no vero um mínimo de força.

ÉDIPO:

E tem para os demais, a ti não tem,
pois que és cego na mente, ouvido e vista.

370

TIRÉSIAS:

Triste; descarregar em outro injúrias
que o mundo em breve vai te proferir.

ÉDIPO:

Te nutre Nýks — a noite. És incapaz
de fazer mal a quem com luz convive.

375

TIRÉSIAS:

Não cabe à minha Moira sobre ti
cair. Do fato Apolo cuida. E basta.

ÉDIPO:

Creon armou o ardil ou é obra tua?

TIRÉSIAS:

Teu mal provém de ti, não de Creon.

ÉDIPO:

Riqueza, reino, engenho ultraengenhoso,
conduzem a um viver plurinvejado!
Quanto rancor se fixa em torno a vós!
A pólis concedeu-me o dom do reino;
sem meu empenho o pôs em minhas mãos;
e o leal Creon, amigo desde o início,
cozia o plano sórdido em surdina,
sócio do mago nessa megatrama,
do charlatão manhoso, de olho no
regalo das propinas, vate cego!
Onde imperam teus mânticos domínios?
Por que negaste auxílio ao povo quando
vivia a Esfinge, cadela de rapsódias?
Não de um desavisado a solução
do enigma dependia, mas de um profeta.
Ficou patente: nem as aves, nem
os deuses te inspiravam. E eu cheguei;
dei cabo dela, alguém sem crédito, Édipo;
vali-me do pensar e não dos pássaros.
A mim pretendes expulsar agora,
sonhando secundar Creon no cargo?

380

385

390

395

400

Lamentareis querer purgar a pólis.
Não fosses na aparência um ser decrepito,
conhecerias sofrendo os teus projetos.

CORO:

Segundo nos figura, rei, a cólera
inspira os dois pronunciamentos. Nós 405
não carecemos disso. Eis nosso escopo:
solucionar o vaticínio délfico.

TIRÉSIAS:

És rei, mas nós nos igualamos nisto:
nossas palavras pesam igualmente.
Reclamo o meu poder! Não sou teu servo, 410
sirvo a Apolo, e independo de Creon.
Falo, pois meu olhar opaco humilha:
dotado de visão, não vês teu mal,
com quem moras, em que lugar habitas.

De onde vens? Sabes ser o horror dos teus, 415
desses que a terra encobre ou – sobre – vivem?
Terror nos pés, a maldição te expulsa
daqui, mater-paterna, açoite duplo.

E a ortovisão de agora então se entreva.
Que golfo, que montanha do Citero 420
a sinfonia de teus gritos não
ecoará, quando saibas de tuas núpcias,
porto inóspito, ao fim de um nãvegar
tranqüilo? Nem suspeitas da desgraça
que atingirá a ti, como a teus filhos. 425

Achincalha Creon e cada som
que pronuncio. Ninguém conhecerá
um desmoronamento pior que o teu.

ÉDIPO:

Ouvir o que ele diz é insuportável.
Vai para o inferno! Some! Vai de retro 430
à tua morada e deixa o meu palácio.

TIRÉSIAS:

Se vim, foi por ter sido convocado.

ÉDIPO:

Não poderia prever as tuas sandices;
por isso me apressei em te chamar.

TIRÉSIAS:

Somos quem somos: te pareço tolo,
mas a teus pais alguém bem ponderado.

435

ÉDIPO:

Quem? Espera! Quem são meus genitores?

TIRÉSIAS:

O dia de hoje te expõe à luz e anula.

ÉDIPO:

Falas de modo obscuro e por enigmas.

TIRÉSIAS:

Não és o mestre das decifrações?

440

ÉDIPO:

Verás o meu valor no que me insultas.

TIRÉSIAS:

Provém tua perdição dessa ventura.

ÉDIPO:

Pouco me importa, se eu salvei a pólis.

TIRÉSIAS:

Eu me retiro. Vem me guiar, menino.

ÉDIPO:

Será melhor, pois, aos meus pés, me estorvas.
Eu recupero a paz com tua ausência.

445

TIRÉSIAS:

Irei, mas antes digo o que me trouxe —
teu cenho nada pode contra mim:
aquele cujo paradeiro indagas,
pela morte de Laio, aos quatro cantos
vociferando, bem aqui se encontra;
tido e havido como homem forasteiro,
irá se revelar tebano autêntico,
um triste fato. Cego — embora ele hoje
veja —, mendigo (ex-rico), incerto em seu

450

455

cetro, em terra estrangeira adentrará.
E então nós o veremos pai e irmão
dos próprios filhos; no que toca à mãe,
dela será o marido; e quanto ao pai,
sócio no leito, além de seu algoz. 460
No paço, pensa. A tua conclusão,
se for que eu minto, diz: *falso profeta!*

CORO:

A pedra délfica — profética —
increpa a quem de perpetrar
com mãos de sangue 465
o indizível do indizível? Urge
que ele ponha os pés em fuga,
com mais vigor
do que os eqüinos turbinosos.
Hoplita do relâmpago e do fogo,
Apolo, filho de Zeus, 470
avança contra ele.
No encalço vêm, terríveis,
as Fúrias implacáveis.

Desponta a voz e já lampeja
na neve do Parnaso: sigam 475
todos o rastro do homem ignoto,
um touro errante pelos antros, rochas,
florestas, desgarrado,
um desgraçado
que traz no pé a desgraça!
Quer se esquivar (inútil)
do oráculo — ônfalo da Terra: 480
este pervive circum-voando.

O sábio vate me desmonta,
terrível. Aceitá-lo ou refutá-lo?
Aporia: dizer o quê? 485
Nas asas da esperança, não vislumbro
presente nem pretérito.
Ignoro o pomo da discórdia entre
o filho de Políbio e os Labdácidas. 490
Em prol dos últimos, na questão
da morte obscura,
eu nada sei — agora ou no passado —
que desabone a fama de Édipo. 495

Unidos pelo tino, Apolo e Zeus
conhecem o afazer humano.
Entre os mortais,
um vate conta mais do que eu?
É um juízo descabido. 500

Não posso acreditar! Personificas
a própria afronta vindo ao meu palácio,
manifesto urdidor de minha morte,
usurpador visível do meu cetro! 535
Pelos deuses! Covarde ou insensato
te pareci, para que assim tramasses?
Achavas que eu não notaria o dolo
coleando ou, ciente, que eu não reagiria?
Não é uma insensatez o teu ataque, 540
sem o apoio da massa e dos amigos?
Essa tarefa exige prata e povo.

CREON:

Se posso sugerir, escuta a réplica
que faço ao teu discurso. Então, me julga!

ÉDIPO:

És bom de prosa, mas sou mau de ouvido: 545
te revelaste um desafeto amargo.

CREON:

Sobre esse ponto, escuta-me primeiro.

ÉDIPO:

Sobre esse ponto, me dirás quês és fiel?

CREON:

Se crês que a audácia destituída de
razão é um bem, incorres em equívoco. 550

ÉDIPO:

Se crês que, agindo mal contra um parente,
Dike não puna, incorres em equívoco.

CREON:

Concordo com tua justa afirmação;
mas podes me explicar que mal te fiz?

ÉDIPO:

Me persuadiste – sim ou não? – da urgência 555
de aqui trazer o vate sacrossanto?

CREON:

Meu parecer, agora o ratifico.

ÉDIPO:

Pois bem; e Laio, há quanto tempo é que...

CREON:

Que Laio fez o quê? Não te compreendo.

ÉDIPO:

Que esvaneceu, golpeado mortalmente.

560

CREON:

Só usando a macromedicação de Cronos.

ÉDIPO:

O áugure praticava então o ofício?

CREON:

E, como agora, sábio e reputado.

ÉDIPO:

Naquele tempo, mencionou meu nome?

CREON:

Nunca aludiu a ti na minha frente.

565

ÉDIPO:

A pólis não investigou o crime?

CREON:

Nos empenhamos todos, sem sucesso.

ÉDIPO:

E como o sábio nada proferiu?

CREON:

Não sei. Me calo quando faltam dados.

ÉDIPO:

Do que te afeta, sabes. Leal, dirás?

570

CREON:

Não me nego a informar-te do que sei.

ÉDIPO:

Sem contigo tramar, o teu parceiro
não me teria acusado de assassino.

CREON:

Se foi o que ele disse, tu o sabes.
Também tenho direito de indagar.

575

ÉDIPO:

Pergunta: não farás de mim um réu.

CREON:

Pois bem; tens como esposa minha irmã?

ÉDIPO:

Não me é possível responder com *não*.

CREON:

Entre os dois, no reinado, há isonomia?

ÉDIPO:

O que ela quis, jamais lhe foi negado.

580

CREON:

Como terceiro, eu não me igalo aos dois?

ÉDIPO:

Eis onde te mostraste um mau amigo.

CREON:

Não, se aceitas, como eu, raciocinar.
Examina primeiramente: quem
preferirá o comando e os seus temores
à paz do sono, se o poder é o mesmo?
Não sou do tipo que ambiciona o reino,

585

quando me é dado igual a um rei viver.
Discordará de mim quem for sensato?
De ti eu recebo tudo e nada temo; 590
chefe, teria de agir conforme os outros.
Ser dono do poder não é mais doce
do que o mando indolor e o seu prestígio.
Não me acho suficientemente louco
para abrir mão do belo e vantajoso. 595
Agrado a todos, todos me saúdam.
A mim recorrem, se de ti precisam,
pois tenho a chave do sucesso deles.
Sonhar com outras regalias? Por quê?
Em má não se transmuda a mente lúcida. 600
Não sou amante desse pensamento,
nem agiria ao lado de um golpista.
Se posso comprovar? Vai logo a Delfos,
verás que fui veraz, se a Apolo apelas.
Se demonstrares que me associei ao 605
decifrador de enigmas numa trama,
meu voto somo ao teu pelo meu fim.
A conjectura ofusca o julgamento.
Se é grave de antemão tomar o mau
por bom, do mesmo modo o inverso é grave. 610
Desprezar um amigo honesto é igual
a desprezar o bem maior: a vida.
Saberás do que falo com o tempo.
Somente o tempo mostra quem é justo;
velhacos se revelam num só turno. 615

CORO:

Sensato, não escorregou na fala;
pensar às pressas, rei, nos leva à queda.

ÉDIPO:

Quando ágil um conspirador serpeia,
devemos decidir com rapidez.
Se me acomodo à calmaria, os planos 620
dele dão fruto e os meus tão-só me frustram.

CREON:

Qual é tua meta? Me banir de Tebas?

ÉDIPO:

Não quero teu exílio, mas tua morte.

CREON:

Mostra então o porquê do teu furor.

ÉDIPO:

Pareces resistir ou duvidar.

625

CREON:

Pois vejo claro que não pensas bem.

ÉDIPO:

Mas não no que me toca.

CREON:

Um peso e duas medidas.

ÉDIPO:

Porque és mau de nascença.

CREON:

E se erras totalmente?

ÉDIPO:

Terei o aval do trono.

CREON:

Não para o mau governo.

ÉDIPO:

Pólis! Pólis!

CREON:

Tebas também é minha, e não só tua!

630

CORO:

Basta, senhores! É oportuna a vinda
de Jocasta, que deixa agora o paço.
Quiçá com ela a briga chegue ao fim.

JOCASTA:

O que move esse abúlico levante

de palavras? Vergonha: a pólis sofre
e estimulais questiúnculas pessoais?
Retorne cada qual à própria casa!
Não transformeis em dor medonha o nada.

635

CREON:

O teu marido julga justo, irmã,
fazer-me algo terrível: seu intento
é me expulsar da pólis ou matar-me.

640

ÉDIPO:

Exatamente, esposa, pois flagrei-o
armando contra mim o esquema sórdido.

CREON:

Sem mais vantagens, morra amaldiçoado,
se uma parcela eu fiz do que me imputas.

645

JOCASTA:

Ele é merecedor de crédito, Édipo!
O sacro juramento impõe respeito,
minha presença e a dos demais também.

CORO:

Empenha o coração e a mente; e cede!

650

ÉDIPO:

Em que devo ceder?

CORO:

Respeita um homem que jamais foi néscio;
seu juramento agora o engrandece.

ÉDIPO:

Sabes o que me pedes?

CORO:

Sim.

ÉDIPO:

Não deixes, pois, o dito por não dito.

655

CORO:

O amigo que jurou jamais condenes,
fundamentado em boatos, à desonra.

ÉDIPO:

Pois sabes que com tal pedido estás
pedindo a minha morte ou meu exílio?

CORO:

Por Hélios-Sol, primaz divino, não! 660
Morra eu sem nume e sem amigo, acaso
eu pense nisso: tenha um fim tristíssimo!
Se amarga a minha Moira: o coração 665
me aperta com o perecer de Tebas.
E a rixa atual agrava o mal antigo!

ÉDIPO:

Deixa-o partir, mesmo que eu me aniquile,
que prove, envilecido, à força o exílio. 670
Da fala dele eu não me apiedo, mas
da tua. Onde ele vá, meu ódio o siga!

CREON:

Cedes e regurgitas ódio estígio.
A ira passa, virá o pesar. Quem tem
o teu perfil conhece o pior; é justo! 675

ÉDIPO:

Não vais partir? Deixar-me só?

CREON:

Partirei.
Me ignoras, outros têm-me por igual.

CORO:

Senhora, hesitas em levar Creon?

JOCASTA:

Antes quero saber do caso. 680

CORO:

O equívoco da suspeição surgiu
das palavras. Também o injusto morde.

JOCASTA:

Equívoco dos dois?

CORO:

Sim.

JOCASTA:

E o que diziam?

CORO:

Nossa terra já sofre muito para
ficarmos repisando nesse assunto.

685

ÉDIPO:

Eis no que deu tuas nobres intenções!
Não olhaste por mim, me entorpeceste.

CORO:

Conforme eu disse, rei, mais de uma vez,
seria um desatino (e eu um señ tino)
se abandonasse a quem de novo trouxe
à pátria, imersa em dor, a boa brisa.
Rei, mostra-nos de novo a via alvíssara!

690

695

JOCASTA:

Pelos deuses, explica-me, senhor:
qual fato provocou em ti essa cólera?

ÉDIPO:

Direi — ninguém merece tanto apreço —
o que planeja contra mim Creon.

700

JOCASTA:

Serás bem claro ao denunciar-me a rixa?

ÉDIPO:

Creon afirma: eliminei a Laio.

JOCASTA:

Concluiu por si ou foi por outro instruído?

ÉDIPO:

Enviou o vate para a ação nefasta; 705
pôde manter assim sua língua limpa.

JOCASTA:

Não deixes que esse assunto te aborreça.
A arte da profecia – debes sabê-lo –
não interfere nas questões humanas. 710
Sucintamente posso demonstrá-lo:
outrora Laio recebeu um oráculo
– senão do próprio Apolo, de seus próceres –,
segundo o qual a Moira lhe traria
a morte pelas mãos de um filho nosso.
Mas forasteiros – dizem – o mataram, 715
ladrões na tripla interseção de estradas.
Quanto ao menino, em seu terceiro dia,
Laio amarrou-lhe os pés pelos artelhos,
mandou alguém lançá-lo a um monte virgem.
Assim frustrou-se Apolo: nem o filho 720
assassinou o pai, nem padeceu
o rei – temor maior! – nas mãos do filho,
tal qual fixara o vozerio profético.
Não te ocupes do nada. Quandô um deus
tem um desígnio, ele o evidencia. 725

ÉDIPO:

Cinese do pensar, errância psíquica:
tua voz ecoa em mim, subitamente.

JOCASTA:

Que afã te desgoverna enquanto falas?

ÉDIPO:

Tive a impressão de ouvir de ti que Laio
tombou na tripla interseção de estradas.

JOCASTA: 730

Essa é a versão que desde então perdura.

ÉDIPO:

Indica o ponto exato da ocorrência.

JOCASTA:

Chamam-no Fókis, onde se entrecruzam
veredas que vão dar em Dáulia e em Delfos.

ÉDIPO:

Quanto tempo passou desde o assassinio?

735

JOCASTA:

O anúncio do ocorrido antecedeu
um pouco tua chegada e o teu governo.

ÉDIPO:

Que decidiste, ó Zeus, fazer comigo?

JOCASTA:

Que assunto, rei, ocupa o teu espírito?

ÉDIPO:

Pergunta-me depois! Fala de Laio:
Qual seu aspecto físico? Que idade?

740

JOCASTA:

De porte grande, já com fios grisalhos,
os traços dele aos teus se assemelhavam.

ÉDIPO:

Contra mim mesmo – creio – a maldição
acabo de lançar, sem o saber!

745

JOCASTA:

Como, senhor? Mirar-te o rosto assombra.

ÉDIPO:

O arúspice viu certo? – indago exânime.
Confirmarias, clareando um ponto apenas.

JOCASTA:

Me abala o medo, mas direi, se o saiba.

ÉDIPO:

Viajava com escolta reduzida,
ou com a tropa, como cabe ao rei?

750

JOCASTA:

No total eram cinco, o núncio incluído;
o único carro transportava Laio.

ÉDIPO:

Dor! Dor! Tudo se faz diáfano! Esposa,
quem vos passou a informação? Quem foi?

755

JOCASTA:

O servo que sozinho se salvou.

ÉDIPO:

Acaso ele se encontra agora em casa?

JOCASTA:

O homem, ao retornar a Tebas, quando
viu que reinavas em lugar do morto,
tocando as minhas mãos, veio rogar-me:
deixasse-o ir ao pasto atrás do gado.
Bem longe dos demais, queria estar.
Embora escravo, não lhe negaria
graça até maior. Dei meu *sim*. Partiu.

760

ÉDIPO:

Como trazê-lo aqui de volta, logo?

765

JOCASTA:

Não é difícil; mas com qual intuito?

ÉDIPO:

O meu temor, mulher, é ter falado
em demasia. Por isso eu quero vê-lo.

JOCASTA:

Ele virá, senhor. Nem mesmo a mim
é dado conhecer o que te aflige?

770

ÉDIPO:

Nada te ocultarei, chegado ao ápice
da expectativa. Ao deparar-me com
o azar da sorte, quem melhor me escuta?
Políbio, meu pai, era de Corinto;
minha mãe, Mérope, era dória. Máximo 775
na pólis — viam-me assim —, até que o Acaso
impôs-me um caso digno de estupor,
mas, para mim, indigno de desvelo.
Um homem ébrio, já muito alto, num
festim, chamou-me filho putativo. 780
Muito abalado, a duras penas, eu
me contive esse dia. Alvoreceu.
Interroguei meus pais. Sentindo o ultraje,
reagiram contra quem o pronunciara.
Deixaram-me feliz, mas logo aquilo 785
voltou-me a atormentar, e sempre mais.
Fui em sigilo a Delfos, de onde -- flâmeo --
Foibos, sem dar-me o prêmio da resposta,
me despediu, mas, num lampejo, disse-me
o que previa: miséria, dor, desastre. 790
Faria sexo com minha própria mãe,
gerando prole horrível de se ver;
seria o algoz do meu progenitor.
Ouvi, fugi da pátria; mensurava
pelo estelário o quanto ela distava. 795
Queria achar um canto onde não visse
cumprir-se a infâmia desse mau oráculo.
Em meu perambular, cheguei ao ponto
em que morreu, segundo afirmas, Laio.
Serei veraz, mulher: quando eu estava 800
perto de onde os caminhos se trifurcam,
cruzei com um arauto; sobre o coche,
sentado, um homem qual o já citado.
Vindo de encontro a mim, o auriga e o velho
me empurraram: devia dar passagem. 805
Colérico, esmurrei meu agressor
— o auriga —, e o velho, vendo-me ladear
o carro, à espreita, com chicotes duplos,
feriu-me bem no meio da cabeça.
Pagou preço maior: no mesmo instante, 810
recebe um golpe do meu cetro. Rola
do carro, ao chão, decúbito dorsal.
Executei o grupo. E, se o estrangeiro
tiver com Laio laços consangüíneos?
Alguém será mais infeliz do que eu,
a quem os Sempiternos mais execram? 815
Proibido ao cidadão e ao forasteiro
falar comigo ou receber-me em casa.
É clara a ordem: devem me expulsar!

Contra mim mesmo impus a maldição. 820
Manchei a tálamo do morto com
as mãos que o assassinaram. Vil, nasci?
Sou todo-nódoa? O exílio se me impôs
e, me exilando, os meus não mais rever, 825
não mais pisar Corinto, sob o risco
de unir-me à minha mãe, matar meu pai,
de quem nasci, com quem eu aprendi.
Erra quem julgue que um demônio cru
sobre o meu ombro fez pesar o azar?
Não, magnitude imácula dos numes, 830
que eu não veja esse dia! Alheio ao mundo
prefiro estar, alguém já não-visível,
antes que sobre mim caia essa mácula.

CORO:

Nos angustiamos, rei. Mas a esperança 835
mantém, até que a testemunha chegue.

ÉDIPO:

Aguardar o pastor, somente e só;
é o que me resta de Élpis – a Esperança.

JOCASTA:

Tão logo chegue, qual tua expectativa?

ÉDIPO:

Explicarei: se com o teu relato
o dele coincidir, já não me aflijo. 840

JOCASTA:

O que eu falei de tão particular?

ÉDIPO:

Ladrões mataram Laio, ele afirmou,
tu o disseste. Se confirmar o número
plural, concluo não ser o matador,
pois o um não pode ser igual a muitos. 845
Se mencionar um só viajante – um único –,
então a culpa incide sobre mim.

JOCASTA:

Eu repeti somente o que era público;
ele não pode, pois, voltar atrás:

toda cidade ouviu, além de mim. 850
 Ainda que altere o seu relato prévio,
 não provará, nem mesmo assim, o acerto
 da profecia. Apolo asseverou
 que Laio morreria às mãos do filho. 855
 Sabemos bem que o pobre do garoto
 já estava morto quando o pai morreu.
 Oráculo nenhum, desde essa época,
 me leva a olhar aqui ou acolá.

ÉDIPO:

Louvo teu raciocínio; mesmo assim, 860
 envia alguém atrás do servo agora.

JOCASTA:

Já cuidei disso. Entremos no palácio.
 Satisfazer-te sempre é a minha meta.

CORO:

À sagrada pureza da linguagem
 e do afazer, a Moira me destine:
 leis – altos pés! – a fixam, 865
 geradas através do urânio éter.
 Delas o pai é o Olimpo, e só o Olimpo!
 Nem as criou o homem perecível,
 nem Lete – o oblívio – as adořmece. 870
 Nelas, um megadeus nunca envelhece.

A desmedida gera a tirania.
 A desmedida –
 se a infla o excesso vão
 do inoportuno e inútil – 875
 galgando extremos cimos, decairá
 no precipício da necessidade,
 onde os pés não têm préstimo.
 Eu rogo ao deus:
 perdure na cidade a bela pugna! 880
 Que à frente eu sempre tenha o deus!

Quem no falar ou no fazer
 palmilha a trilha da soberba,
 valente contra o justo,
 irreverente
 com sédes sacras, 885
 a Moira má o apanhe,
 em paga pelo mal-fadado fausto –
 se acaso lucre um lucro injusto,
 se não evite o sacrilégio, 890

se, desvairado, toque no intangível.
Quem nesse estado pode se gabar
de uma psiquê imune
aos dardos da fúria?
Se é honrosa essa conduta,
por que seguir o corifeu na dança?

895

Não mais irei em reverência
ao inviolável ônfalo da Terra
— Delfos —,
ao templo de Abe, à Olímpia,
se não se cumprem essas profecias —
se não servem de índice aos mortais.
Zeus Pai, senhor de tudo, não nos faltes,
não falhe o teu império semprevivo.
A voz-do-deus rejeitam:
não se perfaz o oráculo de Laio.
Já não reluzem glórias apolíneas.
O divino declina.

900

905

910

JOCASTA:

Ocorreu-me, senhores, acorrer
ao templo dos celestes, transportando
a dádiva dos ramos, dos incensos.
Múltiplas dores hiperentopecem
o ânimo do rei. Já não vê no novo
sinais do antigo, como um homem lúcido.
Cede a quem fala, se a fala é de horror.
Por não frutificarem meus conselhos,
recorro, a ti vizinha, Apolo Lício,
com dons votivos, trago minha súplica:
a solução sagrada propicia-nos!
Transtorno aterra a pólis toda quando
ao leme vê um piloto acabrunhado.

915

920

MENSAGEIRO:

Ando no encalço de Édipo. Sabeis
dizer-me onde se encontra o seu palácio?
Indicai-me, estrangeiros, onde o acho!

925

CORO:

Ali se encontra o rei, em sua morada.
Sua esposa é aquela, a mãe dos filhos dele.

MENSAGEIRO:

Augúrio a ti, augúrio a quem te siga,
pleniperfeita dama do monarca.

930

JOCASTA:

Mereces, forasteiro, os mesmos votos
por tua linguagem tão cortês. Informa:
o que te traz aqui, algum anúncio?

MENSAGEIRO:

Notícia grata ao lar e ao teu marido.

JOCASTA:

Revela a nova! Vens de que cidade?

935

MENSAGEIRO:

Corinto. Ouvindo quanto eu comunico,
terás prazer por certo e dor, talvez.

JOCASTA:

O que é? Tem senso duplo o teu dizer.

MENSAGEIRO:

Segundo corre, os ístmios já se aprontam
para fazer do teu marido rei.

940

JOCASTA:

O ancião Políbio não governa mais?

MENSAGEIRO:

Tânatos vela a sepultura dele.

JOCASTA:

Estás dizendo que morreu Políbio?

MENSAGEIRO:

Que me atinja um raio, se propago o falso!

JOCASTA:

Fâmula, por que tardas a informar
o senhor? Profecias dos numes, como
ficas agora? Há muito o rei fugiu,
para evitar assassinar Políbio;
e hoje levou-o o fado e não seu golpe.

945

ÉDIPO:

Minha cara Jocasta, esposa amada,
por que trazer-me aqui fora do paço?

950

JOCASTA:

Ouve este mensageiro e considera
aonde o esplendor do oráculo nos leva.

ÉDIPO:

Do que se trata, o que nos vem dizer?

JOCASTA:

Oriundo de Corinto, nos informa
o passamento de teu pai Políbio.

955

ÉDIPO:

Desejo ouvir de ti, estrangeiro. Fala!

MENSAGEIRO:

Irei direto ao cerne da mensagem:
Políbio para sempre nos deixou.

ÉDIPO:

O que o matou, moléstia ou foi complô?

960

MENSAGEIRO:

Um sopro fraco abate um corpo idoso.

ÉDIPO:

Enfermidade então levou o velho.

MENSAGEIRO:

Além da macromedicação de Cronos.

ÉDIPO:

Mulher, qual o sentido de observar
o recinto profético de Píton,
as aves, como ululam céu acima?
Não me cabia matar meu próprio pai?
Agora sob a terra jaz; sequer

965

toquei em minha espada. A *causa mortis*
foi minha ausência? Então serei culpado.
Políbio tais oráculos consigo
levou ao Hades, letra morta, nada.

970

JOCASTA:

Não era o que eu há muito predizia?

ÉDIPO:

Mas à mercê do medo eu me encontrava.

JOCASTA:

Pois deixa de afligir teu coração!

975

ÉDIPO:

Dormir com minha mãe ainda me assusta.

JOCASTA:

Fará sentido o padecer humano,
se o Acaso impera e a previsão é incerta?
Melhor viver ao léu, tal qual se pode.
Não te amedronte o enlace com tua mãe,
pois muitos já dormiram com a mãe
em sonhos. Quem um fato assim iguala
a nada, faz sua vida bem mais fácil.

980

ÉDIPO:

Nenhum reparo ao teu discurso, esposa,
se a mãe que me gerou não mais vivesse.
Tua fala bela não me anula o medo.

985

JOCASTA:

A tumba do pai, olho enorme a guiar-te.

ÉDIPO:

Enorme, eu sei. Mas ela vive e eu temo.

MENSAGEIRO:

Mas qual mulher vos amedronta tanto?

ÉDIPO:

Méropo, velho, a esposa de Políbio.

990

MENSAGEIRO:

E o que ela tem que vos atemoriza?

ÉDIPO:

Do deus provém um duro vaticínio.

MENSAGEIRO:

É público ou dizê-lo não é lícito?

ÉDIPO:

É lícito. Meu fado — Apolo disse —
seria fazer amor com minha mãe,
das mãos vertendo o sangue de meu pai.
Eis o motivo pelo qual Corinto
virou lugar longínquo. Tive o bem
do acaso, mas rever meus pais, quem dera!

995

MENSAGEIRO:

O exílio decorreu desse pavor?

1000

ÉDIPO:

Quis evitar também matar meu pai.

MENSAGEIRO:

Por que não pus um fim no teu temor,
se aqui cheguei com intenções honestas?

ÉDIPO:

De mim receberás um prêmio digno.

MENSAGEIRO:

Pois vim principalmente para obter,
quando ao lar retornares, uma dádiva.

1005

ÉDIPO:

A mim jamais verás no lar paterno.

MENSAGEIRO:

É claro, filho: ignoras quanto fazes.

ÉDIPO:

Como, ancião? Pelos numes, dá-me um norte!

MENSAGEIRO:

Se esse casal é a causa de tua fuga...

1010

ÉDIPO:

Eu temo a flâmea lucidez de Foibos.

MENSAGEIRO:

Temes contrair o miasma de teus pais.

ÉDIPO:

Exatamente: é a sina que me assombra.

MENSAGEIRO:

Pois não tem fundamento o teu pavor.

ÉDIPO:

Mas como, se eles são meus geñitores?

1015

MENSAGEIRO:

Não tinhas parentesco com Políbio.

ÉDIPO:

Como? Políbio não me deu a vida?

MENSAGEIRO:

Nem mais nem menos que este com quem falas.

ÉDIPO:

Então devo concluir: ninguém me fez?

MENSAGEIRO:

Nem ele te gerou, nem eu gerei.

1020

ÉDIPO:

Por que Políbio me dizia: *meu filho*?

MENSAGEIRO:

De mim — direi! — te recebeu: um dom.

ÉDIPO:

Por que tão grande amor se eu vim de um outro?

MENSAGEIRO:

Falta de um filho explica-lhe o querer.

ÉDIPO:

Fui dom comprado ou fui um dom do acaso?

1025

MENSAGEIRO:

Te achei no estreito escuro do Citero.

ÉDIPO:

Com qual escopo andavas por ali?

MENSAGEIRO:

Do rebanho montês me encarrégava.

ÉDIPO:

Eras pastor e pela paga erravas?

MENSAGEIRO:

Teu salvador — diria — àquela altura.

1030

ÉDIPO:

Quando me ergueste, eu tinha alguma dor?

MENSAGEIRO:

Teus pés dão, por si sós, um testemunho.

ÉDIPO:

Por que recordas esse mal remoto?

MENSAGEIRO:

Livreí teus pés, furados nos extremos.

ÉDIPO:

Infâmia que me avilta desde o berço.

1035

MENSAGEIRO:

Fortuna assina no teu nome a sina.

ÉDIPO:

E quem me deu o nome? Pelos numes!

MENSAGEIRO:

Quem me fez a doação talvez o saiba.

ÉDIPO:

A um outro coube o acaso de encontrar-me?

MENSAGEIRO:

Te recebi das mãos de outro pastor.

1040

ÉDIPO:

Quem é? Tu podes identificá-lo? .

MENSAGEIRO:

Segundo consta, um servidor de Laio.

ÉDIPO:

Do rei que outrora governava Tebas?

MENSAGEIRO:

Precisamente; a mais ninguém servia.

ÉDIPO:

Ele ainda vive? A minha idéia é vê-lo.

1045

MENSAGEIRO:

Devem sabê-lo os homens da cidade.

ÉDIPO:

Alguém presente pode me dizer
quem é o pastor por ele mencionado?
Ninguém o viu no campo ou na cidade?
Esta é a ocasião de esclarecermos tudo!

1050

CORO:

Ouso opinar que esse homem e o pastor
buscado são idêntica pessoa.
Melhor do que ninguém dirá Jocasta.

ÉDIPO:

Esposa, quem há pouco procurávamos
é o mesmo que ele agora nos menciona?

1055

JOCASTA:

Que te importa saber de quem se fala?
Esquece! É vão rememorar palavras.

ÉDIPO:

Impossível, com base em tais indícios,
deixar de elucidar a minha origem.

JOCASTA:

Se algo vale a tua própria vida,
imploro, pára! Basta o meu sofrer.

1060

ÉDIPO:

Tem brio! Mesmo se eu for escravo ao triplo
— de mãe da mãe da mãe —, o mal é meu.

JOCASTA:

Mas eu, contudo, insisto: encerra a busca!

ÉDIPO:

Só encerro quando tudo esclarecer.

1065

JOCASTA:

Desejo-te o melhor, quando te falo.

ÉDIPO:

Há muito esse melhor só me angustia.

JOCASTA:

Pudesses ignorar tua identidade!

ÉDIPO:

Alguém me traz aqui o pastor ou não?
Que ela se gabe de sua rica estirpe!

1070

JOCASTA:

Ai, infeliz! É o termo que melhor
contigo casa, agora e no porvir.

CORO:

Selvagem dor inquieta tua mulher
em sua partida. Qual motivo? Eu temo
que do silêncio dela irrompa um mal.

1075

ÉDIPO:

Irrompa o que ela queira! A mim me obceca
saber da minha origem, mesmo baixa.
Talvez o orgulho – um traço feminino –
explique o seu desprezo por meu berço.
Filho de Týkhe, assim me denomino!
Me deste o bem, não ficarei sem honra,
Acaso-Týkhe-Mãe. Me demarcaram
os meses de nascença: grande e mínimo.
Nascido assim, não posso ser diverso,
deixando inexplorada a minha gênese.

1080

1085

CORO:

Pelo Olimpo!
Se sou clarividente,
alguém dotado de intuição certa,
Citero,
ao plenilúnio de amanhã,
não mais serás espaço sem limites:
te exaltam – mãe, nutriz, a pátria de Édipo!
Dançaremos em tua honra –
de ti provém o júbilo do rei.
Apolo,
senhor do grito lenitivo,
que te agrade a festa!

1090

1095

Quem te gerou, menino?
Que ninfa sempreviva

acolheu Pã, 1100
em trânsito nos píncaros?

Que ninfa foi atrás do oblíquo Lóxias,
a quem apraz o plaino das pastagens?
A Hermes, senhor Cilênio, ou 1105
ao deus do frenesi bacante,
cuja morada é o pico das montanhas,
uma das ninfas do Hélicon – seu par
no prazer – te ofertou, recém-achado?

ÉDIPO:

Senhores, eu jamais travei contato 1110
com o pastor há muito procurado.

Arriscarei dizer, porém, que o vejo.
Velho na idade, àquele este é simétrico.
Meus servos o conduzem. Reconheço-os.
Melhor do que ninguém deves sabê-lo, 1115
pois o pastor o viste anteriormente.

CORO:

Tenho total certeza de que é ele.
Pastor, mais que ninguém foi fiel a Laio.

ÉDIPO:

Coríntio, eu quero ouvir primeiro a ti:
a ele te referias?

MENSAGEIRO:

Aquele é quem tu vês. 1120

ÉDIPO:

Olhos nos olhos, velho, a quanto indague,
responde: pertenceste outrora a Laio?

SERVO:

Cresci no paço, um servo, não comprado.

ÉDIPO:

Qual afazer te garantia a vida?

SERVO:

Toquei por quase toda vida o gado. 1125

ÉDIPO:

Por onde preferencialmente andavas?

SERVO:

Pelo Citero e suas imediações.

ÉDIPO:

Por acaso conheces aquele homem?

SERVO:

Se ocupava de quê? De quem tu falas?

ÉDIPO:

Daquele ali. Alguma vez o viste?

1130

SERVO:

Não me recordo assim abruptamente.

MENSAGEIRO:

Não me surpreendo, rei. Mas vou lembrá-lo
do que afirma ignorar, pois é impossível
ter apagado da memória os tempos
do Citero. Eu tocava um só rebanho,
e ele, dois. Três períodos de convívio,
da primavera até surgir Arcturo.
No inverno, eu recolhia a grei ao estábulo,
enquanto ele abrigava os bois de Laio.
Confere ou não confere com os fatos?

1135

1140

SERVO:

Muito passou, mas não alteras nada.

MENSAGEIRO:

Recordas que um menino então me deste,
a fim de que o cuidasse como um filho?

SERVO:

O que pretendes com toda essa história?

MENSAGEIRO:

Este senhor, meu caro, é aquela criança.

1145

SERVO:

Vai para o inferno! Cala tua matraca!

ÉDIPO:

Não o censures, velho! Tua linguagem
merece mais censura do que a dele.

SERVO:

Onde eu errei, senhor inigualável?

ÉDIPO:

Calando sobre a criança mencionada.

1150

SERVO:

Ele ignora o que diz, perde seu tempo.

ÉDIPO:

Por bem não falas? Falarás chorando!

SERVO:

Invoco os numes: poupa um homem velho!

ÉDIPO:

Por que a demora em lhe amarrar as mãos?

SERVO:

Tristeza! A que vem isso? Qual tua dúvida?

1155

ÉDIPO:

O garoto em questão, a ele o entregaste?

SERVO:

Sim. Por que eu não morri naquela data?

ÉDIPO:

Pois morrerás, calando o que não deves.

SERVO:

E se eu falar, há de vir pior morte.

ÉDIPO:

O velho, ao que parece, ganha tempo.

1160

SERVO:

De modo algum. Não disse que eu o dei?

ÉDIPO:

E qual a procedência do menino?

SERVO:

Não era meu; de alguém o recebi.

ÉDIPO:

De alguém da pólis? Onde ele reside?

SERVO:

Pára de investigar, suplico, mestre!

1165

ÉDIPO:

És homem morto, se de novo indago.

SERVO:

Pois bem; de alguém do círculo de Laio.

ÉDIPO:

Nasceu escravo; é filho do palácio?

SERVO:

Estou a ponto de falar o horror.

ÉDIPO:

E eu de ouvi-lo; mas é preciso ouvir.

1170

SERVO:

Filho do rei, diziam. Lá dentro está

quem pode dar detalhes: tua mulher.

ÉDIPO:

Foi ela quem te deu a criança?

SERVO:

Exatamente, rei.

ÉDIPO:

Com que finalidade?

SERVO:

Para dar cabo dele.

ÉDIPO:

A própria mãe? Incrível!

SERVO:

Temia um mau oráculo.

1175

ÉDIPO:

Qual?

SERVO:

Seria o matador dos pais — diziam.

ÉDIPO:

Por que motivo então a deste ao velho?

SERVO:

Me condoí. Pensei: ao seu país
de origem levará o menino. Para
um mal maior, salvou-o. Se és quem ele
diz, crê: nasceste para a desventura.

1180

ÉDIPO:

Tristeza! Tudo agora transparece!
Meu derradeiro olhar, recebe, luz!
De quem, com quem, a quem — sou triplo
equívoco: ao nascer, desposar-me, assassinar!

1185

CORO:

Estirpe humana,
o cômputo do teu viver é nulo. 1190
Alguém já recebeu do demo um bem
não limitado a aparecer
e a declinar
depois de aparecer?

És paradigma,
o teu demônio é paradigma, Édipo: 1195
mortais não participam do divino.

Com a hipérbole do arco,
lograste o plenifausto
do bom-demônio.
Por Zeus!
Tu abateste a Esfinge,
— a virgem de unhas curvas! —,
com seu canto-vaticínio. 1200
E em prol da pátria então se ergueu
uma torre contra Tânatos.
Houve o clamor (também clamei):
Basileu!
Te coube a distinção extrema:
reinar em Tebas, a magnífica!

Quem tem reputação mais triste agora? 1205
Quem sofre tanta dor, tão dura agrura,
no revés da vida?
Ínclito chefe, Édipo!
Um só porto, um único
bastou ao pai e ao filho
no serviço das núpcias —
cair, subindo ao tálamo. 1210
Como o campo semeado pelo pai,
silente, te acolheu por tanto tempo?

Malgrado teu,
a pan-visão de Cronos te descobre:
faz muito julga núpcias anti-núpcias — 1215
o gerar e o gerado.
Filho de Laio,
jamais quisera ver-te!
Lamento sem limite:
da boca saem-me nênias. 1220
Serei veraz: me deste alento,
na escuridão meus olhos adormeço.

ARAUTO:

Magnos senhores! Cidadãos eméritos!

Sofre a visão, o ouvido sofre, sofre
o coração de quem ainda mantém
com os Labdácidas sinceros laços. 1225
Purificar o paço do que oculta?
Nem o Danúbio – penso –, nem o Fásis.
Males virão à luz em breve, males
voluntários e não-involuntários. 1230
As piores dores são as auto-impostas.

CORO:

Nos pesam demasiadamente os fatos
conhecidos. O que nos acrescentas?

ARAUUTO:

A mensagem mais rápida a quem diz
e a quem ouve: morreu Jocasta, augusta. 1235

CORO:

Pobre mulher! E como faleceu?

ARAUUTO:

Foi ela versus ela. Mas os olhos
não presenciaram o ato mais doído.
Tanto quanto a memória me permita,
conhecerás seu triste padecer: 1240
tão logo ultrapassou o umbral do tálamo,
jogou-se ao leito a dama enfurecida,
repuxando – ambidestra – a própria coma.
Entrou, por dentro aferrolhou a câmara,
chamando Laio, apenas um cadáver. 1245
E recordava a gravidez: dali
proviera a morte dele e a gestação
de sua degenerada descendência.
Chorava o leito em que gerara em dobro:
nato do esposo o esposo; de seu filho, 1250
filhos. Não sei como ela faleceu.
Urrando o rei entrou e não pudemos
testemunhar o perfazer da morte;
mirávamos os giros de seus passos.
No vai-e-vem, demanda a própria espada 1255
e a esposa não esposa, dupla seara
maternal, dele e de seus filhos todos.
Ao transtornado, um demo a indica, e não
qualquer de nós que estávamos presentes.
Com grito horrível, como se o puxassem, 1260
arremessou-se contra as portas duplas
e entrou, forçando os gonzos dos encaixes.

Ali, suspense, a vimos, nossa rainha,
 pela rosca da corda estrangulada.
 Urro brutal à frente, o rei desata 1265
 o laço aéreo. A pobre então repousa
 e um espetáculo terrível se arma.
 Ele arrancou das vestes de Jocasta
 os fechos de ouro com que se adornava,
 e, erguendo as mãos, o círculo dos olhos 1270
 golpeou. Gritava então que não veriam
 o mal causado nem o mal sofrido,
 mas no porvir-negror veriam quem não
 deviam, sem conhecer quem lhes faltava.
 Um hino funerário! E, abrindo as pálpebras, 1275
 golpeava repetidamente os olhos.
 Pupilas rubras banham sua barba.
 Não era um gotejar sangüíneo, mas
 um chover de granizos-melanina.
 O mal rompeu da dupla, e não de um único; 1280
 o mal uniu os dois maritalmente.
 O júbilo de antanho fora um júbilo
 veraz. Agora, choro, ruína, Tânatos,
 vergonha, afronta, quanto se nomeie
 da catástrofe, tudo está presente! 1285

CORO:

Dá trégua à dor agora o sem-ventura?

MENSAGEIRO:

Manda abrir os portais aos gritos: mostrem
 o parricida, alguém com cuja mãe...
 não ouse repetir-lhe os termos ímpios!
 Quer o desterro, quer deixar o paço, 1290
 conforme a maldição que proferira.
 Falta-lhe força, além de um condutor;
 o mal lhe pesa demasiadamente.
 De mais ninguém se oculta: já destrancam
 os portais. Tu verás um espetáculo 1295
 de causar pena até nos desafetos.

CORO:

Terrível presenciar o teu sofrer!
 De tudo quanto eu vi, o mais terrível!
 Que delírio, infeliz, te atropelou?
 Qual deus-demônio, de um só salto, 1300
 transpassa uma distância máxima,
 impondo os pés sobre tua moira demoníaca?
 Triste Édipo!
 Se te encaro, esmoreço. E havia

tanto a inquirir,
tanto a saber,
tanto a sondar!
Tremor sem par em mim suscitás.

1305

ÉDIPO:

Dor! Agrura!
Aonde levam meu peso-morto?
Minha voz voa longe: aonde?
Aonde me arrojás, deus-demônio?

1310

CORO:

A um horror não audível, não visível.

ÉDIPO:

Minha nuvem-negrór!
Teu vai-e-vem é intraduzível,
sem domador, sem norte!
Desgraça e mais desgraça!
Me invade a fúria
do acicate e a memória da miséria.

1315

CORO:

Não surpreende que, em meio a tanto horror,
chores em dobro, em dobro o fardo pese.

1320

ÉDIPO:

Amigo,
ainda manténs por mim o teu apreço;
de um cego ainda te ocupas.
Tristeza!
Percebo tua presença. Da penumbra,
tua voz eu reconheço claramente.

1325

CORO:

Como pôdes ferir assim teus olhos?
Tua ação assombra! Um deus te ensandeceu?

ÉDIPO:

Apolo o fez, amigos, Apolo
me assina a sina má: pena apenas.
Ninguém golpeou-me,
além das minhas mãos.
Ver — por quê? —,

1330

se só avisto amarga vista?

1335

CORO:

É exatamente como o dizes.

ÉDIPO:

A mim é dado ver, amar? O quê?
Tirar prazer de uma conversa, amigos?
Levai-me para longe, agora!
Levai-me, grão-nefando, amigos!
O maldito-mor,
o mais odioso face aos deuses.

1340

1345

CORO:

Fado infeliz, espírito infeliz.
Melhor que não soubesses nada! Nunca!

ÉDIPO:

Antes morrera quem meus pés
— seja quem for! —
livrou das duras travas, no ermo campo.
O que ele fez não foi favor.
Morto, tamanha dor eu evitara
aos amigos e a mim.

1350

1355

CORO:

Concordo totalmente.

ÉDIPO:

Não teria sido um parricida,
de mim ninguém diria: esposo
de quem lhe deu a vida.
Sem deus agora, filho de sacrílegos,
em homogeneidade com quem me fez.
Se prévio a um mal existe um mal
maior, a mim coube vivê-lo.

1360

1365

CORO:

Difícil aprovar tua atitude.
Melhor não ser do que viver na treva.

ÉDIPO:

Não venhas com um tom professoral

dizer-me o que é melhor, me dar conselhos. 1370
 Com que olhos poderia encarar meu pai,
 além de minha mãe, descendo ao Hades?
 Estrangular-me não faria justiça
 a quanto cometi contrário à dupla.
 Poderia desejar à minha frente 1375
 ter meus filhos, nascidos tais e quais?
 Vedada é essa visão ao meu olhar.
 E quanto à pólis, quanto ao muro, quanto
 aos deuses, sacro amálgama de estátuas?
 Pan-infeliz, de tudo eu me privei, 1380
 — alguém que ao máximo chegou em Tebas —,
 ao decretar o isolamento do ímpio,
 de um homem revelado impuro pelos
 deuses e pelo clã de Laio. Como
 olhar alguém no rosto, assim manchado? 1385
 Impossível! Pudesse pôr no ouvido
 lacre auditivo, e eu não hesitaria
 em isolar meu pobre corpo: surdo,
 além de cego. Doce é o pensamento
 que não hospeda o mal em sua morada. 1390
 Por que, Citero, não me rejeitaste,
 ou, me acolhendo, não me assassinaste?
 O mundo ignoraria a minha origem.
 Ó Políbio, ó antigo paço pátrio
 (me diziam), ó Corinto, belo príncipe 1395
 criastes: velava um ser nefasto. É claro:
 um homem vil nascido de dois vis.
 Caminhos trifurcados, vale fósco,
 arvoredos, junção da rota tríplice,
 bebestes sangue meu, sangue paterno, 1400
 que minhas mãos verteram. Recordais?
 Os crimes cometidos junto a vós,
 eu os multipliquei, chegando a Tebas.
 Geraste-me, conúbio, e germinaste,
 semeando o mesmo sêmen. Revelaste 1405
 pais, irmãos, filhos — tribo homossangüínea —,
 fêmeas, mulheres-mães, o quanto houver
 de mais abominável entre os homens.
 O que não é belo de dizer, não é belo
 de fazer. Pelos deuses, me ocultai 1410
 alhures, logo. Me arrojai à cripta
 talássea, onde jamais alguém me aviste.
 Apavora-vos pôr as mãos num pária?
 Temor improcedente: o mal é meu;
 além de mim, não há quem o suporte. 1415

CORO:

Creon chegou e corresponderá
 ao teu anseio em atos e em conselhos:

nosso único guardião, em teu lugar.

ÉDIPO:

Difícil encontrar o tom correto.
Que lhe dizer, para legitimar-me,
se outrora fui com ele atroz em tudo?

1420

CREON:

Não venho com intuito zombeteiro,
nem para reprovar-te o mal de outrora.
Se os homens não merecem mais respeito,
a Hélios-Sol, pan-nutridor, honrai
— senhor-da-flama —, e não deixai a mácula
assim exposta. A Terra-Gaia e mais
a chuva sacra e a luz recusam Édipo.
Cabe levá-lo à sua morada rápido.
Ouvir e ver o mal de alguém restringe-se
— é lei divina — aos membros da família.

1425

1430

ÉDIPO:

Alívio! Não se cumpre o que eu previa —
ao pior dos homens o melhor acode.
Ouve-me; falarei em teu favor.

CREON:

Por que todo esse empenho? O que pretendes?

1435

ÉDIPO:

Manda-me embora logo desta terra,
aonde ninguém a mim dirija a voz.

CREON:

Teria sido esse o meu procedimento,
não se devesse ouvir o deus primeiro.

ÉDIPO:

Mas seu pronunciamento foi claríssimo:
eliminar o parricida, o impuro.

1440

CREON:

Assim o disse, mas a situação
é tal que dele espero a diretriz.

ÉDIPO:

Por que sondá-lo por um miserável?

CREON:

Uma ocasião de crer no deus terias.

1445

ÉDIPO:

E a ti ordeno e a ti exortarei:

enterra a que no paço jaz, cumprindo
tu mesmo, pelos teus, o que é devido.

E quanto a mim, enquanto eu viva, a pólis
pátria jamais me julgue digno dela.

1450

Que eu parta para o monte cujo nome
se liga a mim: Citero — meu sepulcro! —,
como meu pai e minha mãe queriam.

O que em vida buscaram, tenham mortos!

Mas direi: nem me arruinará doença,
nem outra causa. Antes, quase morto,
se eu me salvei, foi para um mal terrível.

1455

Que a Moira me encaminhe ao meu destino!

Minha linhagem masculina não
requer cuidados; homens, saberão
escapar à penúria, onde estiverem.

1460

Já minhas filhas tão amesquinhas,
que à minha mesa sempre se sentavam
perto de mim, comigo degustando.

1465

tudo o que me servissem no repasto,
precisam de atenção. Deixa eu tocá-las,
deixa com ambas lamentar a dor.

Senhor! Atende-me,

nobre nato! Se minhas mãos as tocam,
será como antes, quando ao lado as via.

1470

Deliro?

Escuto as duas se desmanchando em lágrimas?

Creon condeu-se e conduziu aqui

meu bem de mais valor, as minhas filhas?

Será possível?

1475

CREON:

Tomei a providência eu mesmo, certo
de propiciar a ti o prazer antigo.

ÉDIPO:

Te ajude o Acaso e o nume em teu caminho
coloque o bem do acaso que eu não tive.

Aproximai-vos, filhas — onde estais? —,

1480

tocai as mãos irmãs, as minhas mãos,
 que vos fizeram ver assim os olhos
 antes radiosos de quem vos gerou.
 Sem nada perceber ou suspeitar,
 onde eu fora semeado fiz-me pai. 1485
 Choro por vós, pois não vos posso olhar,
 pensando no amargor da vida que
 o convívio com outros vos reserva.
 A qual encontro ou festa não ireis
 na pólis, sem voltar à casa aos prantos, 1490
 excluídas dos prazeres do espetáculo?
 E quando vier a época das núpcias,
 quem se apresentará, quem correrá
 o risco de também sofrer injúria,
 desastre de meus pais, de minhas filhas? 1495
 Falta algum mal? Ao pai o pai das duas
 assassinou, semeou o campo em que
 fora ele mesmo fecundado. De onde
 ele próprio nasceu, gerou as filhas.
 Acumulam-se injúrias. Quem vos quer? 1500
 Ninguém se comprometerá. Espera-vos
 um declinar estéril, sem noivado.
 Creon Menécio, a paternidade é
 agora teu encargo: o par que as pôs
 no mundo é morto. Impede que sobrinhas 1505
 andem ao léu, à míngua, sem marido.
 Não as rebaixes ao meu nível mal.
 Tem pena! Vê: na flor da idade e falta-
 -lhes tudo, salvo o que de ti provier.
 Vai! Pondo a mão em mim, senhor, diz sim. 1510
 Maduras no pensar, escutaríeis
 mil conselhos. Rogai, por mim, aos deuses!
 Vivei, seja qual for a circunstância.
 Colhei de Bios o que eu não conheci.

CREON:

Põe fim ao teu lamento e volta ao paço! 1515

ÉDIPO:

Se não tenho outra escolha, volto.

CREON:

Tudo no tempo certo é belo.

ÉDIPO:

Mas, sabe, condiciono a volta.

CREON:

Saberei, se o disseres.

ÉDIPO:

Me expulsa do país.

CREON:

Pedes um dom divino.

ÉDIPO:

Sou quem os deuses mais odeiam.

CREON:

O que pedes terás então.

ÉDIPO:

Consentes?

CREON:

Não falo em vão o que eu não penso.

1520

ÉDIPO:

Leva-me embora já!

CREON:

Vai, mas tuas filhas ficam.

ÉDIPO:

Privar-me delas? Não!

CREON:

Não queiras poder tudo!

Do poder não ficou rastro em tua vida.

CORO:

Olhai o grão-senhor, tebanos, Édipo,
decifrador do enigma insigne. Teve
o bem do Acaso — Týkhe —, e o olhar de inveja
de todos. Sofre à vaga do desastre.

1525

Atento ao dia final, homem nenhum
afirme: *eu sou feliz!*, até transpor
— sem nunca ter sofrido — o umbral da morte.

1530

NOTA:

Como a própria palavra *mosaico* sugere, o critério de seleção dos textos apresentados a seguir não se baseou numa idéia pré-concebida de unidade. Procurei não me restringir ao campo helenístico, incluindo autores que analisam a peça e o mito de Édipo do ponto-de-vista antropológico, filosófico, histórico, literário e psicanalítico. A dificuldade maior desse tipo de seleção se deve ao fato de a bibliografia sobre o tema ser vastíssima e proliferante. Apesar das lacunas inevitáveis, creio que as passagens que compõem a coletânea poderão despertar no leitor o interesse de reler o drama de Sófocles de ângulos diferentes.

Mosaico hermenêutico

1. Apolo e falso oráculo

No *Édipo*, tanto Apolo quanto seus ministros são triunfantemente justificados e o ceticismo de Jocasta e Édipo, condenado. Sófocles dá suporte à religião tradicional contra ataques contemporâneos. A crítica aos oráculos era particularmente comum na época da guerra do Peloponeso. Oráculos falsos eram produzidos em larga quantidade, e o mercador de oráculo tornou-se referência no teatro cômico. Tucídides nos diz que só uma das profecias sobre a guerra do Peloponeso revelou-se verdadeira, e Eurípides, em seu *Filoctetes* (produzido em 431), afirmou que a profecia não passava de ilusão. Nessa atmosfera, Sófocles escreveu o *Édipo*, para defender o que era para ele, como para Sócrates, um dos fatos basilares da religião.¹

2. Saber e ruína imerecida

Édipo rei apresenta a degradação de um homem notável e próspero por causa dos deuses. Tal degradação é imerecida; não é uma punição por insolência, nem decorre, em última instância, de alguma falha de julgamento ou de caráter no homem. Os deuses exibem seu poder porque assim o desejam. Mas, uma vez que o exibem, o homem pode aspirar a uma lição salutar. Isso é mantido em suspenso até o final da peça, quando o coro, ou talvez o próprio Édipo, aponta a extensão de sua queda e comenta:

Atento ao dia final, homem nenhum
afirme: *eu sou feliz!*, até transpor
— sem nunca ter — sofrido o umbral da morte.

... Após os eventos terríveis e mortificantes, esse final do *Édipo rei* pode parecer um pouco sem graça. Contudo, ele proporciona um final tranqüilo, tal como os gregos apreciavam, e é a conclusão de Sófocles sobre o que ocorreu

¹ T. B. L. Webster, *An Introduction to Sophocles*, The Clarendon Press, 1936.

anteriormente.²

3. Trajetória do herói maravilhoso

Com o casamento e a ascensão ao trono, Édipo completa a trajetória do herói do conto maravilhoso. O conto maravilhoso normalmente termina nesse ponto. O herói no conto maravilhoso descende historicamente dos criadores originais da ordem do mundo, doadores da lei e fundadores da cultura. Assim foi, por exemplo, Gabis, o legislador do Tartesso: lançado às feras para ser devorado, é reconhecido mais tarde, ao retornar, pelas marcas em seu corpo e pelos traços faciais, herdando o reino de seu pai-avô; primeiro concede leis a seu povo, funda cidades, abole a escravidão, ensina o povo a arar a terra e a semear o trigo.

O herói menos remoto não concede leis ou ensina o povo a arar, semear, forjar o metal. Tudo isso ele já encontra feito. O herói do conto maravilhoso somente ascende ao trono, não reina. Mas a estória de Édipo não pode se concluir com a ascensão ao trono; Édipo reina. Esse elemento do reinado entra relativamente tarde na evolução do conto, através da elaboração e extensão da apoteose do herói do conto maravilhoso. Édipo não só reina, como alcança as sublimes altitudes na condição de rei. Está próximo da divindade. "Édipo, cujo nome todos clamam" (8) é um rei-deus tal como Frazer descreveu em *The Golden Bough*. Ele pode salvar o povo da peste e ser o mediador entre deuses e homens.

...acaso um deus, um homem
não disse como nos mantermos vivos?
(42-3)

Do mesmo modo, na quarta ode o coro canta:

Com a hipócrise do arco,
lograste o plenifausto
do bom-demônio.
Por Zeus!
Tu abateste a Esfinge,
— a virgem de unhas curvas! —,
com seu canto-vaticínio.
Em prol da pátria então se ergueu

² C. M. Bowra, *Sophoclean Tragedy*, The Clarendon Press, 1944.

uma torre contra Tânatos.
E houve o clamor (também clamei):
Basileu!
Te coube a distinção extrema:
reinar em Tebas, a magnífica!

(1198-1203)

Traços de Édipo, o mágico-deus-rei-sacerdote, foram disseminados na tradição.³

4. Função demoníaca

Mas o que constitui a tensão dramática não é a descoberta em curso, impiedosa e inexorável, nem o jogo de esconde-esconde entre um destino que pertence ao passado e uma vítima que ainda nada pressente; tampouco é o jogo de ilusões que freqüentemente se instaura no curso de um interrogatório, durante um julgamento; em resumo, não é nada do que caracterizou tantos dramas que têm como centro uma "descoberta". Schiller, com uma expressão desde então muito citada, definiu o *Édipo* uma "análise trágica" e disse: "Tudo existe de antemão, e vai apenas se desenvolvendo. Some-se a isso o fato de que o evento, enquanto irrevogável, é por sua natureza muito mais aterrador" (carta a Goethe, 2 de outubro 1797). Com esse juízo expresso em função de seu *Wallenstein*, Schiller fixou-se antes no aspecto formal do drama do que em seu núcleo essencial. Mas para Sófocles, como para os gregos de uma época precedente, o destino não é jamais algo pré-determinado, mas uma expressão espontânea da potência demoníaca, mesmo quando vem pré-dito e se cumpre num ordenamento imanente ao curso do mundo. O destino concebido como algo pré-determinado não existe antes de Stoa e da vitória da astrologia. O essencial no drama de Édipo não consiste na irrevogabilidade do passado que aos poucos se revela – uma afirmação como esta: "Mesmo se fosse possível, não poderia mais agir como gostaria" não faz qualquer sentido no *Édipo* –; o essencial nesta tragédia consiste na luta ativamente conduzida pela salvação, pela auto-afirmação e pela defesa de toda uma existência humana prisioneira da aparência, tanto mais ameaçada quanto mais se sente ligada a uma grandeza humana superior; e do ponto de vista desse mundo e de sua ordem, sua "verdade" e preservação, as fronteiras entre ser e aparecer devem ser invertidas em relação ao que se mostravam no início. Diferentemente

³ Vladimir Propp, "Édipo à luz do folclore" (original russo de 1944), incluído em *Oedipus, a folklore casebook*, Lowell Edmunds e Alan Dundes (eds.), The University of Wisconsin Press, 1983.

das outras tragédias gregas, o *Édipo* não é a tragédia do destino humano de que por tanto tempo foi considerada modelo; nela não tem lugar o contraste entre liberdade "sublime" e destino, como queria o clacissismo alemão, mas a contraposição entre aparência e ser, "doxa" e "alétheia", como em Parmênides.⁴

5. Ausência divina e livre arbítrio

A ação da própria peça, portanto, é motivada pelo livre arbítrio do herói, que culmina no ato de auto-cegamento. Bowra tenta mostrar que é o *daímon* de Édipo que o dirige para essa ação, a fim de cumprir a vontade dos deuses; mas não há vontade dos deuses, no que concerne a Édipo, exceto pelo fato de que sua própria vontade possui uma força divina. Os olímpicos não desejavam sua queda; eles a predisseram. Dizer que os deuses são responsáveis, como faz Édipo, significa no máximo que eles permitem que a vida seja o que ela vem a ser. Os deuses nas *Traquínias* e no *Édipo* parecem pouco mais do que o poder animado da circunstância e símbolos do nexo fatal das limitações, em cujo âmbito o homem age e sofre. Quando Édipo grita "Apolo cumpriu esses males", está se referindo à concatenação completa dos eventos, incluindo o oráculo que simboliza seu destino total. O elemento inelutável não é um misterioso, remoto, Fado causal, ou a vontade de Apolo, mas a própria vida. Frente à predestinada necessidade de viver nesse mundo, Édipo agiu com livre vontade: "Ninguém, só minhas mãos golpearam", e fornece suas próprias razões. Ele ainda tem razões, e é livre para tratar a si mesmo como deseja.⁵

6. Lance do Acaso

E antes de tudo a *týkhe*. Porque a *týkhe* que se opõe aos deuses e os nega, a *týkhe*-acaso, na época em que o *Édipo rei* foi escrito, qualquer que seja sua data, da mais alta à mais baixa, não faz parte da linguagem comum: pertence a um círculo restrito de homens cultos, e é um conceito novo, atrás do qual há uma bem definida visão do mundo e das coisas; e a posição em que ela aparece nesta tragédia, em momentos de particular relevo, que são

⁴ Karl Reinhardt, *Sofocle* (trad. it. Maria Forgione), il melangolo, 1989.

⁵ Cedric H. Whitman, *Sophocles – A Study oh Heroic Humanism*, Harvard University Press, 1951.

os momentos-chave da ação, exclui a hipótese de que Sófocles, tão "hábil" como é, a adotasse sem intenção e sem um objetivo preciso. E, na realidade, ele não o deixou oculto: com o uso sábio de algumas palavras, que aos ouvidos doutos tinham significado definido, indicou qual fosse o seu pensamento. Na boca de Jocasta, a menção de *týkhe* é ligada a *eiké dzên* ("viver ao léu", 979) que é uma expressão técnica, se não na forma, na substância. E na boca de Édipo? Releiamos o trecho: "Mas *paída tês týkhes némon* ("nomeio a mim mesmo filho de *Týkhe*-acaso", 1080), daquela que leva o bem, *ouk atimasthésomai* ("não serei desonrado", 1081). Esta é a mãe de quem nasci, e os meses que comigo nasceram, *hoi dè syngeneîs mènes*, fizeram-me pequeno e grande."⁶

7. Ser e aparência

A unidade e o conflito entre o Ser e a Aparência exercem originariamente no pensamento dos primeiros pensadores gregos uma força poderosa. Todavia é nas tragédias gregas que tudo isso vai receber a exposição mais alta e pura. Pensemos no *Édipo rei* de Sófocles. Édipo, de início salvador e senhor da Cidade, no esplendor da fama e da graça dos deuses, vai sendo deslocado dessa aparência (*Schein*), que não constitui de forma alguma um parecer meramente subjetivo de Édipo a seu respeito mas a atmosfera, em que aparece a sua existência, até que se dê a re-velação (*Unverborgenheit*) de seu ser, como assassino do pai e desrespeitador da mãe. O caminho que vai daquele começo de glória até esse fim de horror, é um único embate entre a aparência (*Schein*) (velamento e dissimulação) e a re-velação (o Ser). À Cidade está velado e oculto o assassino do então rei Laio. Com a paixão de quem está na evidência do esplendor e é grego, empenha-se Édipo em descobrir esse velado e oculto. Passo a passo, tem que pôr-se a si mesmo a descoberto. Re-velação que só pode suportar, perfurando-se os olhos. Afastando-se de toda luz. Fazendo cair sobre si o véu da noite. Ofuscado e encoberto pela cegueira, põe-se a abrir todas as portas, a fim de aparecer ao povo como aquele que ele é mesmo.⁷

8. Édipo e imperialismo ateniense

⁶ Carlo Diano, "Edipo, figlio della Tyche", *Dionisio* 15 (1952).

⁷ Martin Heidegger, *Introdução à Metafísica* (trad. bras. Emmanuel Carneiro Leão), Tempo Brasileiro-UNB, 1978.

Édipo *tyrannos*, então, é mais que um herói trágico individual. Em seu título — *tyrannos* —, na natureza e base de seu poder, em seu caráter, no modo de sua ação dramática, ele se parece com Atenas, a cidade que pretendeu se tornar (e já estava prestes a consegui-lo) o *tyrannos* da Grécia, o rico e esplêndido autocrata de todo mundo helênico. Tal semelhança, reconhecida conscientemente ou não, lhe deve ter garantido a simpatia do público ateniense e engajado firmemente a emoção desse público na ação e no sofrimento do herói. Mas ela fez ainda mais. Acrescentou uma dimensão extra de significado não só a seu êxito, como também à sua queda, que sugere, em termos simbólicos, proféticos e enigmáticos, a queda da própria Atenas. Como Édipo, Atenas justifica a ação incessante e sempre mais vigorosa apelando ao sucesso prévio; como Édipo, Atenas recusa a se deter, transigir, voltar atrás; como Édipo, segue os ditames de sua energia e inteligência com suprema confiança no futuro; e, como Édipo — a tragédia parece sugeri-lo —, Atenas chegará a conhecer o malogro, a aprender a dizer "devo obedecer" como diz agora "devo dominar". Atenas, nas palavras de seu maior estadista, pretendeu ser um exemplo para os demais... Édipo também é proclamado um exemplo, mas em sua queda.⁸

9. Inteligência humana

Alguns leitores do *Édipo rei* disseram-me considerar sufocante e opressiva a atmosfera da peça: sentem falta da exaltação trágica que experimentam na *Antígone* e no *Prometeu Prisioneiro*. Temo que meus comentários anteriores não ajudem a remover essa sensação, muito embora não seja uma sensação que eu partilhe. Certamente o *Édipo rei* é uma peça sobre a cegueira do homem e a desesperada insegurança da condição humana: de certo modo, todo homem deve tatear no escuro como Édipo tateia, sem saber quem é e o que tem a sofrer; vivemos todos num mundo de aparência que oculta de nós quem-conhece-que terrível realidade. Mas certamente o *Édipo rei* é também uma peça sobre a grandeza humana. Édipo é grande, não em virtude de uma grande posição no mundo — pois sua posição no mundo é uma ilusão que irá esvaecer como um sonho —, mas em virtude de sua força interior: força para perseguir a verdade a qualquer custo pessoal, força para aceitá-la e suportá-la quando encontrada. "Esse horror é meu", ele grita, "e ninguém além de mim é forte o suficiente para suportá-lo" (1414). Édipo é grande porque aceita a responsabilidade por *todos* os seus atos, incluindo os que são objetivamente mais aterradores, embora subjetivamente inocente.

⁸ Bernard Knox, *Oedipus at Thebes*, Yale University Press, 1957.

Para mim pessoalmente Édipo é uma espécie de símbolo da inteligência humana, que não pode descansar até solucionar todos os enigmas – mesmo o último, para o qual a resposta é que a felicidade humana é construída sobre uma ilusão.⁹

10. Maldição da Esfinge

A Esfinge, com um corpo alado "fêmea/macho", pertence ao mesmo repertório imaginário que outros monstros míticos, guardiões de tesouros ocultos. Entretanto, a Esfinge parece ser a única variante, comparável somente ao flamejante Arcanjo com sua espada protetora da Árvore de Vida, localizada no Paraíso junto à Árvore do Conhecimento. Os tesouros ocultos do monstro não são de ouro. Nesse caso específico, o fabuloso tesouro é intelectual: o conhecimento. O segredo oculto e cuidadosamente guardado é o Desconhecido do enigma sexual. Enquanto em outras estórias o dragão deve ser morto a fim de que o tesouro passe a mãos humanas, a Esfinge significativamente se mata quando seu segredo é quebrado na época da maturação. Édipo, o herói de pés-inchados, não mata o monstro pela força física, mas o derrota através da perspicácia e inteligência. A ansiedade primária, associada ao enigma sexual, configura o padrão de toda subsequente ansiedade que procede do Desconhecido, especialmente se alguma é confrontada com o enigma da existência e não-existência. O dragão assassino vira herói se ganha a batalha contra seu próprio monstro – contra a sensação de ansiedade e culpa que permanece oculta em suas fantasias inconscientes. A sabedoria psicológica dessas fantasias míticas consiste na percepção de que o desvelamento do enigma tanto quanto a aquisição do tesouro oculto é, em última análise, nociva ao homem. A maldição encontra-se no conhecimento que deriva da propensão, por um lado, aquisitiva, por outro, inquisitiva. Essa maldição é mais forte que o herói vitorioso. Todo herói assassino do dragão torna-se finalmente a vítima de sua vitória sobre as fantasias inconscientes. Édipo, exatamente por derrotar o monstro do Desconhecido, personifica, como veremos, o erro mais extremo, a derrota final do pensamento consciente auto-evidente e a vitória da Esfinge, isto é, das forças psíquicas ocultas no Inconsciente e no Desconhecido do próprio eu. Ele é a vítima de sua enfatuação.¹⁰

⁹ E. R. Dodds, "On Misunderstanding the *Oedipus Rex*", *Greece and Rome* 13 (1966).

¹⁰ Theodore Thass-Thienemann, *The Subconciouss Language*, Washington Square Press, 1967.

11. Verdade oculta e unidade dramática

No curso de toda a peça, não obstante o que está ocorrendo, quaisquer que possam ser as intenções presentes, desejos e suposições dos diversos personagens, tudo quanto digam raivosos, triunfantes, deprimidos ou alarmados, um grande pensamento é sempre mantido diante do público: nenhuma das pessoas envolvidas (exceto o profeta cego e o velho pastor, evidentemente) tem a mais remota idéia da única verdade oculta, a verdade que remove todo significado do que fazem ou dizem. É essa visão, fornecida apenas para o público, que unifica as diversas ações e garante à peça sua celebrada concentração — a sensação de que tudo resulta de uma tremenda golfada, sem esquema prévio ou elaboração, sem uma única cena ou fala supérflua. Muitas coisas *parecem* acontecer, mas apenas uma acontece efetivamente. Sófocles consegue esse efeito de dois modos. Em primeiro lugar, coloca Édipo muitas vezes frente a frente com toda a evidência, somente para mostrá-lo descobrindo explicações e hipóteses que são de longe mais razoáveis e sensíveis do que a verdade. (Isso dificilmente decorre de uma falha estrutural da peça, como Voltaire e outros pensaram. É o que mantém o público ligado ao real problema). Em segundo, todos os personagens, mesmo os mais velhos, dizem coisas naturais e pertinentes, com base no que conhecem, mas que simultaneamente lembram o público da terrível distância entre a realidade e a compreensão que eles têm dela. A nós é dada, pois, uma dupla visão: a falsa, no plano humano, complexo e confuso; a verdadeira, no plano divino, apavorantemente simples em sua ação.¹¹

12. Tragédia e crise sacrificial

Tirésias, por seu turno, vai replicar. Diante da confusão crescente de Édipo, incapaz de levar a termo o seu inquérito, ele vai jogar o mesmo jogo que o outro. Tirésias ataca a autoridade de seu adversário para reafirmar a sua. "O que foi feito" — grita — "de tua habilidade para resolver enigmas?"

Cada um, no debate trágico, recorre às mesmas táticas, utiliza os mesmos meios, visa a mesma destruição que seu adversário. Tirésias coloca-se como defensor da tradição; é em nome dos oráculos desprezados por Édipo que ele o ataca; não avança menos uma mão ímpia contra a autoridade real. Os indivíduos são visados, mas as instituições, atingidas. Todos os poderes

¹¹ Thomas Gould, *Oedipus the King*, Prentice-Hall, 1970.

legítimos vacilam sobre suas bases. Todos os adversários contribuem com a destruição da ordem que eles pretendem consolidar. A impiedade de que fala o coro, o esquecimento dos oráculos, a decadência religiosa formam uma unidade com esse esgotamento dos valores familiares, das hierarquias religiosas e sociais.

A *crise sacrificial*, isto é, a perda do sacrifício, é a perda da diferença entre violência impura e violência purificadora. Quando essa diferença se perde, não há mais purificação possível e a violência impura, contagiosa, quer dizer, recíproca, se espalha na comunidade.¹²

13. Ação de Apolo

Mas por que Apolo? Por que Édipo atribui o cumprimento de seus males, incluindo (se a passagem foi corretamente interpretada) seu próprio ato de auto-cegamento, a Apolo? Apolo é a presciência divina do que está fadado a acontecer. Também é um agente? Ou Édipo se ilude? Se é assim, trata-se de uma ilusão de que padeceram gerações de leitores. É certamente impossível ler a peça sem sentir que, de um modo mais ou menos incompreensível, Apolo está em ação; que o deus que conhece o que está fadado a ocorrer está seguro de que ocorrerá mesmo e, tendo ocorrido, está ciente de ter ocorrido. Mas Apolo está envolvido num plano mais profundo. Se ele está interessado na verdade de seus oráculos, o deus em cujo templo está inscrito o mote *gnothi sauton* ("conhece-te a ti mesmo") ocupava-se do auto-conhecimento humano. É a seu próprio respeito que Édipo mais ignora e aprende a mais terrível verdade. É o conhecimento humano e a inteligência em que ele tem total confiança e deve aprender como um é limitado e a outra, frágil. No momento em que a verdade aflora e os oráculos revelam-se verdadeiros, é com seguro discernimento que Édipo vê Apolo em ação. Ele continua para arrancar os olhos que lhe deram o conhecimento falível do mundo externo.¹³

14. Rei divino e bode expiatório

Venerado como um deus, incontestemente senhor da justiça, tendo nas mãos

¹² René Girard, *La violence et le sacré*, Grasset, 1972.

¹³ R. P. Winnington-Ingram, *Sophocles, An interpretation*, Cambridge University Press, 1980.

a salvação de toda cidade, colocado acima dos outros homens, tal é a personagem de Édipo, o Sábio, que, no fim do drama, se inverte, para projetar-se numa figura contrária: no último degrau da decadência aparece Édipo – Pé-inchado, abominável poluição, concentrando sobre si toda a poluição do mundo. O rei divino, purificador e salvador de seu povo, encontra o criminoso impuro que é preciso expulsar como um *pharmakós*, um bode expiatório, para que a cidade, de novo pura, seja salva.

... se a oposição complementar com que Sófocles joga, entre o *týrannos* e o *pharmakós*, como nos pareceu, está bem presente nas instituições e na teoria política dos antigos, faz a tragédia outra coisa que apenas refletir uma estrutura já presente na sociedade e no pensamento comum? Cremos, ao contrário, que, longe de ser um reflexo dela, a tragédia a contesta e a põe em questão. Pois, na prática e na teoria sociais, a estrutura polar do sobre-humano e do sub-humano visa a melhor delimitar, nos seus traços específicos, o campo da vida humana definida no conjunto dos *nómoi* que a caracterizam. O aquém e o além se respondem como duas linhas que desenham claramente as fronteiras no interior das quais o homem se acha incluído. Ao contrário, em Sófocles, sobre-humano e sub-humano se encontram e se confundem na mesma personagem. E como essa personagem é o modelo do homem, todo limite que permitiria delimitar a vida humana, fixar sem equívoco seu estatuto, se apaga. Quando ele quer, como Édipo, levar até o fim a pesquisa sobre o que ele é, o homem se descobre enigmático, sem consistência nem domínio que lhe sejam próprios, sem ponto de apoio fixo, sem essência definida, oscilando entre o igual a um deus e o igual ao nada. Sua verdadeira grandeza consiste naquilo que exprime sua natureza de enigma: a interrogação.¹⁴

15. Rito de iniciação às avessas

Para os gregos, a criança, não ainda um membro da cidade totalmente civilizado, guarda certas afinidades com o mundo "cru" externo. Irracional, incapaz de falar, sem ainda dominar completamente suas funções corporais, ela é, como a fâmula diz nas *Coéforas*, "um animal". A maioria dos povos, entre os quais o grego, tem ritos de iniciação mais ou menos elaborados para marcar a passagem da infância para a maturidade, do reino selvagem para o civilizado. A auto-descoberta de Édipo na peça é uma espécie de rito de iniciação às avessas. Enquanto a passagem da criança da infância para a

¹⁴ Jean-Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet, *Mito e Tragédia na Grécia Antiga* (trad. bras. Anna Lia de A. Prado, Filomena Hirata Garcia, Maria da Conceição Cavalcante), Perspectiva, 1999².

maturidade é geralmente uma passagem do selvagem para o civilizado, da natureza para a cultura, Édipo, num conhecimento retrospectivo paralelo ao desenrolar da trama, move-se da maturidade para a infância, e simultaneamente de seu lugar seguro na casa e na cidade para a montanha selvagem que é, num certo sentido, seu parente (1092), "o lugar de onde nasceu" (1393). Sua condição anômala confunde as rotas normais da passagem geracional. A justaposição do "novo" ao "velho" no primeiro verso da peça e próximo do clímax do reconhecimento (916) ganha progressivamente um significado ameaçador. Quando o mensageiro coríntio pensa que está chamando Édipo de volta para o lar (100-5-6), ele, de fato, o está chamando de volta não para casa ou palácio mas para a estéril montanha.¹⁵

16. Polissemia do nome

O nome ou o substantivo (*onoma* em grego, como *nom* em francês, tem os dois sentidos), mais do que constituir meios estáveis de referência, classificação, diferenciação, no caso do Édipo reflete o estatuto incerto do próprio rei. O nome do rei é sobredeterminado, excessivo em sua significação. Édipo é o solucionador de enigmas e questões, o leitor de signos e mensagens: assevera querer investigar "todo *logos*" (291), em sua busca pelo assassino. Mas uma palavra, pelo menos, que Édipo não pode ler é seu próprio nome. O rei não pode ler o diferente, signos ambíguos de sua identidade ambígua que são colocados na peça pelo seu nome. O estatuto incerto do rei é marcado na incerteza de seu nome. O questionamento sofocliano da relação do homem com o conhecimento e a verdade é representado pelo caráter alusivo do *onoma*.¹⁶

17. A ignorância necessária

A passagem (1237-86), terrível demais para ser encenada, parece também apavorante demais para ser representada na linguagem. Édipo, desejando transpassar o ventre de Jocasta com a espada, é conduzido por "algum deus" para onde possa abrir caminho através de duas portas (estremeço ao lembrar o belo tropo de Walt Whitman para a observação de uma mulher em parto,

¹⁵ Charles Segal, *Tragedy and Civilization, an interpretation of Sophocles*, University of Oklahoma Press, 1999.

¹⁶ Simon Goldhill, *Reading Greek Tragedy*, Cambridge University Press, 1986.

"reclino-me nas soleiras de estranhas portas flexíveis"). Deparando-se afortunadamente com o suicídio de Jocasta, a fim de não somar o crime contra a mãe ao parricídio e incesto, Édipo, golpeando repetidamente seus olhos com os broches de Jocasta, submete a julgamento não tanto o ato de ver quanto o que é visto e, assim, a luz pela qual vemos. Interpreto isso como seu protesto contra Apolo, que traz igualmente a luz e a praga. O tropo freudiano da cegueira pela castração parece-me menos relevante aqui do que o clamor contra o deus.

O protesto contra Apolo é necessariamente dialético, uma vez que a arrogância e agilidade do intelecto de Édipo, que busca sem remorso a verdade, em certo sentido é também de Apolo. Isso deve significar que a queixa também se volta contra a natureza da verdade. Nessa visão da realidade, você conhecerá a verdade, e a verdade fará de você um insano. O que tornaria Édipo livre? Nada do que ocorre na peça — deve ser a resposta —, e não parece que se transformar num deus oracular mais tarde tampouco faz de você alguém livre. Se você não pode estar livre dos deuses, então não pode alcançar a liberdade, e mesmo agindo como se o seu demônio for o seu destino, isso tampouco o ajudará.

A surpreendente ignorância de Édipo quando o drama tem início é o *dado* da peça, e não pode ser questionado ou negado. Voltaire foi mordaz quanto a esse ponto, mas a ignorância do sábio e cultivado permanece uma antiga verdade da psicologia, e nos atormenta diariamente. Creio ser esta a verdadeira força do complexo de Édipo de Freud: não o sentido inconsciente de culpa, mas a necessidade de ignorância, a fim de que o princípio de realidade não nos aniquile. Nietzsche, antes do que Freud, é o guia mais verdadeiro para o *Édipo-rei*. Possuímos a mais alta arte, o drama de Sófocles e de Shakespeare, a fim de não perecermos em decorrência da verdade.¹⁷

18. Relativismo e pré-cognição

O drama de Sófocles declara abertamente o seguinte: se os deuses sabem de antemão que se verificará o assassinio do pai e o incesto com a mãe, demonstrar-se-á que eles não cometem erro, e o que depois ocorre é o assassinio do pai e o incesto com a mãe, ainda que nenhum ser humano tivesse ciência disso. E aqui vemos Édipo alinhar-se claramente ao lado de Apolo. Ele não procura dizer: "Mas eu ignorava tudo isso e, portanto, *para mim* não se tratava de incesto", tampouco diz o que poderia ter dito com

¹⁷ Harold Bloom (edição e introdução), *Sophocles' Oedipus Rex*, Chelsea House Publishers, 1988.

uma linguagem dos contemporâneos de Sófocles: "Que significado e importância tem o incesto?" Foi exatamente essa a questão colocada por Eurípides em seu drama sobre o incesto, *Éolo*: "O que há de vergonhoso, se não parece assim a quem o pratica?" (fr. 19). Protágoras havia de fato sustentado que tudo o que "é" é de um certo modo somente para quem parece, negando com isso o "significante universal", enquanto outros sofistas do tempo discutiam o estatuto arbitrário e mutável do *nomos*: "Se alguém pedisse que todos os homens levassem para um único lugar tudo o que considerassem vergonhoso e, depois, que erguessem do monte o que considerassem honroso, no monte todo não restaria nada" (*Dissoi Logoi* 2, 18). Não existe neste mundo nada de vergonhoso que não seja moralmente aceitável e portanto honroso, em algum outro lugar, de um ponto de vista diferente. O que dizer então do incesto praticado por pessoas que o ignoravam, para quem isso não "parecia" assim? A ode central do *Édipo rei* pronuncia-se evidentemente sobre questões como essa, que está no centro de toda a tragédia. Não, afirma explicitamente o coro, os *nomoi* que regulam a pureza e a piedade religiosa (*euseptos hagneia*) são estabelecidos antes (*prokeintai*), "gerados através do *Aither* do céu"; o seu pai é o Olimpo, e um deus grande se manifesta neles; jamais se tornam "velhos" e superados. Essa ode dispõe com precisão o quadro em que se insere Édipo: ele se adequa ao que os deuses sabiam de antemão. A terrível queda de Édipo demonstra a veracidade da pré-cognição divina, demonstra a existência de uma inteligência que tudo compreende e envolve este nosso mundo, demonstra a função de "significante universal" e portanto o significado do universo. Essa demonstração vale o sacrifício, a queda desse homem com o qual nos identificamos a contragosto, Édipo. Édipo, embora sofredor, possui enfim o secreto orgulho dos que sabem.¹⁸

19. A linguagem do Outro

A estrutura lingüística implica várias facetas da outridade. Ninguém inventa a linguagem que fala, mas nós somos completamente tributários da linguagem enquanto outro que nós mesmos. Na interpretação lacaniana, o inconsciente, como o reprimido, funciona como a linguagem do Outro – isto é, como ex-cêntrico ao discurso de um eu, da consciência, centrado em desejos (o nome do pai reprime, recoloca e desloca o desejo pela mãe) – a linguagem que é essencialmente dependente da relação dialógica (diálogo psicanalítico) a fim de emergir. Essa outridade da linguagem do inconsciente, Lacan lê

¹⁸ Walter Burkert, *Origini selvagge, Sacrificio e mito nella Grecia arcaica* (trad. it. Maria Falivene), Laterza, 1992.

no *Édipo*: o inconsciente de Édipo é configurado num discurso que é literalmente outro que ele mesmo – isto é, no discurso do oráculo.

Considero sugestiva e estimulante a ênfase de Lacan no processo lingüístico e narrativo, por meio do qual o sujeito afeta a si mesmo em sua busca por dar um lugar, uma relação e um sentido à sua própria biografia. *Édipo rei* é a fascinante encenação de narrativas intermináveis sobre pai e filho. A questão edipiana não concerne necessariamente ao desejo do sujeito por seus pais, mas antes a seu malentendido e mau reconhecimento de sua própria história. Assim, a situação edipiana na peça é responsável pelo mau reconhecimento da história de sua própria vida e pelo reconhecimento ao qual ele chega no momento da revelação. Para Lacan esse reconhecimento não tem a função constativa que tem para Freud, mas performática: ao nomear seu desejo, o sujeito afeta a si mesmo com uma ação eficaz de análise. Ele endossa a sua nova história, toma responsabilidade pelo discurso do Outro em si mesmo, e simultaneamente encontra remissão na outridade.¹⁹

20. Nascimento dionisiaco

Édipo tem um segundo ouvido depois do cegamento, em Colono. Mas já no *Édipo rei* ele pode ouvir de outro modo. Exatamente na metade matemática do texto, em seu eixo, Édipo conta que no passado em Corinto, "o Acaso / impôs algo merecedor de espanto... Aconteceu de um ébrio, num festim / vir me chamar de filho putativo... aquilo / me aborrecia sempre, se insinuava" (776-86). Ele começou a ouvir a si mesmo diferentemente, e isso continuou a ecoar. Um ambíguo elemento dionisiaco está inconscientemente em ação. Muito disso estava presente em sua concepção, pois cabe lembrar que Laio concebeu Édipo à noite, bêbado. Existe um outro espírito paterno na natureza de Édipo como a montanha materna do Citero, um espaço dionisiaco também, que ressoa dentro e desfaz a inflexível trajetória de seu heroísmo.

Se nós imaginamos um segundo sentido no oráculo, então Laio poderia ter ouvido: "Olha teu filho atentamente, estuda seu coração, apodera-te dos seus caminhos, pois ele tem potencial para dar fim em ti. Ele é alguém que pode mostrar como tua vida finaliza, os desfechos de tua vida". O filho oferece um caminho diverso do pai. O filho é o potencial da mente que traça um segundo sentido. Ele é a geração seguinte, a compreensão gerativa além do literalismo do tipo de consciência do rei, que se enrijece em sentidos únicos quando as divisas de todo reinado são definidas, unindo num único domínio

¹⁹ Pietro Pucci, *Oedipus and the Fabrication of the Father*, Johns Hopkins University Press, 1992.

terra, Estado, povo, rei: *tirano*. A tirania da unidade.²⁰

21. Encontro com Jocasta morta

Quando Édipo derruba as portas e "vê" finalmente o corpo de Jocasta em seu quarto, a primeira coisa que faz, depois de "livrá-la" da corda, é "arrancar de suas vestes os fechos de ouro que lhe serviam como adorno" (1268-69). Esta é a primeira das "coisas terríveis de serem vistas" (1267), descritas a seguir. *Peronai*, os fechos que prendem as vestes, não são meros "broches" decorativos, como a palavra é freqüentemente traduzida. Sua remoção pode sugerir o gesto de desnudamento da rainha em sua "câmara nupcial" (*ta numphika*, 1242), enquanto ela "repousa ali" (1267), uma reatualização grotesca e horrível da primeira noite da união de ambos. Em decorrência desse ato, ele "golpeia os próprios olhos", conforme o verso seguinte. Assim como o corpo do rei permite que a verdade invisível se torne realidade ao invés de aparência, o corpo de Jocasta aponta para algo que permanece inacessível à visão e deve permanecer oculto.

Como mostrou Vladimir Propp, em narrativas populares desse tipo, a verdadeira identidade do marido/filho incestuoso é denunciada por uma cicatriz ou outra marca no leito durante a noite de núpcias. Jean Cocteau joga brilhantemente com esse motivo antigo da descoberta na noite nupcial em sua *Machine infernale*. Sófocles refreia esse reconhecimento até que ele possa conduzir apenas ao reconhecimento trágico da poluição indelével. O autor retém, todavia, o componente sexual desse conhecimento deslocando a união física para uma série de equivalentes simbólicos: a penetração na câmara fechada da rainha e a remoção dos fechos de seu corpo em repouso. Esses deslocamentos são, por seu turno, parte do alargamento temporal e da complexidade da ação, decorrente do modo como Sófocles opera normalmente o mito. Ele sobrepõe ações presentes ao passado remoto; funde, ou confunde, os eixos diacrônico e sincrônico. Ao aprofundar a perspectiva temporal através do motivo da descoberta e ao relembrar o passado há muito esquecido, também chama a atenção para o poder de representação do drama, através do qual uma simples ação que se desdobra à nossa frente no palco pode conter simbolicamente o sentido de uma vida inteira. No condensado arcabouço temporal da vida de Édipo, o dramaturgo encontra também uma imagem espelhada de sua manipulação do tempo na construção artística de sua peça.²¹

²⁰ James Hillman, "Oedipus Revisited" in Karl Kerényi e James Hillman, *Oedipus variations, Studies in Literature and Psychoanalysis*, Spring Publications, 1995.

²¹ Charles Segal, *Sophocles' Tragic World*, Harvard University Press, 1995.

afirme: *eu sou feliz!*, até transpor
— sem nunca ter sofrido — o umbral da morte.

Entre a razão e o *daímon*, ou melhor, acima deles, há o oráculo, representando a pré-ciência divina. O drama de Édipo reflete a presença desses três planos que estabelecem relações complexas entre si, para além da relação de causa e efeito. O problema de algumas interpretações do passado foi terem privilegiado um desses aspectos, em detrimento dos demais. Lembro, por exemplo, a opinião de que o *Édipo* seria uma "tragédia do destino", na qual o herói apenas levaria a termo a profecia. Se lemos a peça desse ângulo, deixamos escapar traços marcantes do personagem — caráter voluntarioso, grandeza heróica, talento intelectual —, responsáveis em grande parte pelo próprio enredo dramático. Que as ações de Édipo ganhem sentido inesperado é algo que não tira o brilho do herói, mas evidencia sua fragilidade. Essa fragilidade resulta da ação enigmática e imprevisível do *daímon*, agente divino que alguns comentadores aproximam da noção de acaso (*týkhe*). A descoberta da identidade pelo indivíduo traz, portanto, outras revelações: permite registrar a pré-cognição divina, não afetada pelas contingências da experiência humana, e a ocorrência, na dinâmica existencial, de um elemento de difícil definição. Esse último aspecto tem despertado interesse de comentadores recentes, particularmente dos adeptos de teorias psicanalíticas. O *daímon* seria a expressão do Outro.

"A catástrofe de Édipo é que ele próprio descobre sua identidade", escreveu Bernard Knox, estudioso a quem devemos muito da caracterização heróica de Édipo.²⁷ Sem discordar desse comentário, observo que a catástrofe decorre da consciência, por parte de Édipo, de que a sua própria identidade possui dimensões indecifráveis. Trata-se de uma constatação aparentemente simples do ponto-de-vista formal, mas com desdobramentos de complexidade bastante conhecida. A tragédia de Édipo nasce não só do fato de ele ser outro do que pensava, mas também de esse outro ser o que é: outro. Essa conclusão não enfraquece absolutamente a dignidade intelectual do personagem, antes, pelo contrário, a coloca em destaque: é o exercício brilhante da razão que permite entrever a dinâmica inclassificável do enigma.

²⁷ Op. cit. 6.

CRONOLOGIA (a. C.)

- 497: Nascimento de Sófocles em Colono.
- 494: Nascimento de Péricles.
- 480-478: O rei Xerxes da Pérsia é derrotado pela esquadra ateniense em Salamina.
- 480: O persa Mardônio, cunhado de Xerxes, líder de um contingente de 10 mil persas e 70 mil aliados, é derrotado em Platéia pelos peloponésios e atenienses.
- 480: Os persas incendeiam a Acrópole e massaram seus defensores.
- 480: Nascimento de Eurípides.
- 478/7: Fundação da Liga de Delos que, sob liderança ateniense, é criada para combater os persas. Inicialmente recebe tributo de 265 cidades gregas.
- 472: Ésquilo encena *Os Persas*, drama sobre a vitória ateniense em Salamina.
- 470-69: Nascimento de Sócrates.
- 468: Sófocles ganha seu primeiro concurso dramático, com *Triptólemo*, derrotando Ésquilo.
- 463: Ésquilo vence o concurso de tragédia com a trilogia *Suplicantes*, *Egípcios*, *Danaides*. Sófocles classifica-se em segundo lugar.
- 460: O partido de Péricles consegue hegemonia em Atenas.
- 459-454: Tentativa de conquista do Egito por expedições atenienses.
- 456: Morte de Ésquilo em Gela, Sicília.
- 454: Transferência do tesouro da Liga de Delos para Atenas.
- 450: Nascimento de Aristófanes.
- 447: Péricles inicia a construção de Partenon em Atenas.
- 442-441: Representação da *Antígone*.
- 441-440: Sófocles é eleito um dos dez generais, encarregados de reprimir a revolta da ilha de Samos.
- 438: Morte de Píndaro.
- 432: Fídias é acusado de roubar parte do ouro destinado à estátua de Atena. Comprovada sua inocência, o escultor sofre uma segunda acusação, desta vez por impiedade. Falece na prisão.
- 431: Início da guerra do Peloponeso.
- 431: Péricles profere a Oração Fúnebre, em honra dos mortos caídos no primeiro ano da guerra do Peloponeso.
- 431: Tucídides inicia a redação da História da Guerra do Peloponeso.
- 431: Representação da *Medéia* de Eurípides.
- 430: Grande peste assola Atenas.
- 429: Morte de Péricles, decorrente da peste.
- 429-425 (?): Representação do *Édipo rei* de Sófocles.
- 428: Nascimento de Platão.
- 424: Sócrates participa da batalha de Delos entre Atenas e Beócia.
- 416: Conquista da ilha de Melos por Atenas, que escraviza a população local e elimina os homens em idade adulta.
- 416: Alcibíades vence a competição de quadrigas nas Olimpíadas. Eurípides dedica-lhe um epinício pela vitória.
- 415: Derrota da expedição ateniense, comandada por Nícias e Alcibíades, em Siracusa.
- 415/14: O poeta Diágoras de Melos é condenado à morte por ateísmo.
- 414: Aristófanes encena a comédia utópica *As aves*.
- 409: Sófocles, aos 85 anos de idade, representa *Filoctetes*.
- 406-5: Morte de Sófocles.
- 404: Derrota de Atenas e fim da guerra do Peloponeso.
- 404/3: Sócrates recusa-se a colaborar com o governo dos Trinta (grupo de oligarcas que domina por um período Atenas, arrasada pelos anos de guerra). Os tiranos impedem o filósofo de ensinar.
- 403: Restauração da democracia em Atenas.
- 401: Encenação póstuma de *Édipo em Colono*.
- 399: Morte de Sócrates.